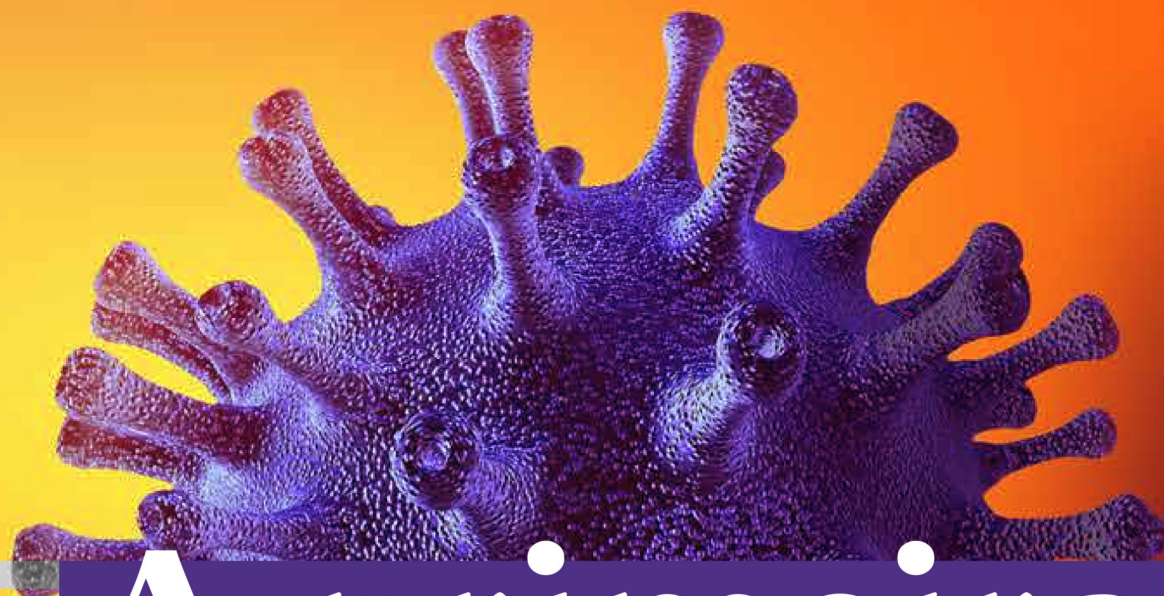


Tamara Cristina Bastos Santos

Orientador:

Prof. Dr^o José Ferreira Júnior



A primeira impressão é a que fica

Pandemia da covid-19 e a leitura visual nos jornais *O Imparcial* e *O Estado do Maranhão*

São Luís
2021

TAMARA CRISTINA BASTOS SANTOS

A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE FICA: pandemia da covid-19 e a leitura visual nos
jornais *O Imparcial* e *O Estado do Maranhão*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
do Programa de Pós-Graduação em Cultura e
Sociedade da Universidade Federal do
Maranhão para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Ferreira Júnior

São Luís

2021

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Santos, T.C.B.

A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE FICA: : Pandemia da covid-19 e a leitura visual nos jornais O Imparcial e O Estado do Maranhão / T.C.B Santos. - 2021.

82 p.

Orientador(a): José Ferreira Júnior.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Comunicação. 2. Design. 3. O Estado do Maranhão. 4. O Imparcial. 5. Pandemia. I. Ferreira Júnior, José. II. Título.

TAMARA CRISTINA BASTOS SANTOS

A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE FICA: pandemia da covid-19 e a leitura visual nos jornais *O Imparcial* e *O Estado do Maranhão*

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: 11/05/2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Ferreira Júnior (Orientador)
Doutor em Comunicação e Semiótica
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Will Montenegro Teixeira
Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura
Faculdade Pan Amazônica

Profa Dra Fernanda Areias de Oliveira
Doutor em Informática na Educação
Universidade Federal do Maranhão

Ao meu pai, Gerson e à minha mãe Maria.

Aos irmãos Tiago, Théo e Luca.

AGRADECIMENTOS

Durante esses anos como aluna do Mestrado muitas pessoas contribuíram para este trabalho e essa labuta diária.

A Deus pela força, coragem e iluminação divina para enfrentar os desafios, como esse.

À CAPES por todo incentivo e apoio financeiro durante a caminhada.

Ao professor e orientador Ferreira Júnior por não medir esforços e sempre que possível estar atento à dinâmica desta pesquisa, sugerindo, opinando e oferecendo novas concepções. Muito obrigado por compartilhar comigo seu conhecimento e sabedoria.

Ao PGCult, professores, corpo docente e servidores por levar adiante um Programa dessa envergadura, com empenho e dedicação em favor das ciências humanas e sociais.

Ao professor Marcelo Silva pelas confabulações sobre as ciências da comunicação dentro e fora da sala de aula, pelo carinho, motivação e um senso de humanidade que me cativa sempre.

À minha família por sempre me apoiar, principalmente meu pai Gerson, meu irmão Tiago, Gisele e minha mãe Maria.

Aos meus amigos de turma e jornada: Ronaldo, Moisés, Klisman, Alexandre e Adonay.

Meus sinceros agradecimentos ao meu querido amigo Leudson que entrou comigo no mesmo ano do Mestrado e dividimos juntos angústias, medos e saberes.

À minha amiga Verislene, toda minha gratidão, pois sempre que solicitava uma capa de jornal ela me atendia com presteza e carinho.

Ao meu amigo Davi Max, colega de profissão por todo carinho e colaboração que construímos para além da esfera de trabalho.

“[...] Existe uma base informacional que é possível encontrar em grande parte das produções artísticas – das quais os meios de comunicação vão se apropriar de modo criativo ou apenas massivo. [...]”

Ferreira Júnior, 2011.

RESUMO

O ano de 2020 apresentou-se um cenário que oferece um estoque de capas criativas. É o caso de São Luís, onde *O Imparcial* e *O Estado do Maranhão* são veículos que vêm, com certa frequência, utilizando-se da opção pelas capas-pôster, ou capas-cartazes, para a visualização das primeiras páginas principalmente neste período de pandemia. Dessa forma este trabalho utilizou-se de 6 capas referentes a esse contexto, sendo 3 do *Imparcial* e 3 de *O Estado*, aliando essas análises com as referências teóricas do campo visual, conjuntamente com as gramaticalidades disponíveis sobre uma possível sintaxe da linguagem visual e os pressupostos que balizam os estudos que têm como pontos de vista documentos do processo de criação artística. Percebeu-se nesse *corpus* uma perspectiva interdisciplinar que demonstrou a trajetória da visualidade em conteúdos para além do jornalismo, como é o caso da poesia, da arte concreta e das multidimensões que perpassam a forma como esses veículos maranhenses utilizaram a criatividade para informar e transmitir sensações.

Palavras-chave: Design. Comunicação. Pandemia. *O Imparcial*. *O Estado do Maranhão*.

ABSTRACT

The year 2020 presented a scenario that offers a stock of creative covers. This is the case of São Luís, where O Imparcial and O Estado do Maranhão are vehicles that come, with a certain frequency, using the option for poster covers, or poster covers, for viewing the first pages, especially in this pandemic period. . In this way, this work used 6 covers referring to this context, 3 from Imparcial and 3 from O Estado, combining these analyzes with the theoretical references of the visual field, together with the grammaticalities available about a possible visual language syntax and the assumptions that guide the studies that have as points of view documents of the artistic creation process. It was perceived in this corpus an interdisciplinary perspective that demonstrated the trajectory of visibility in contents beyond journalism, as is the case of poetry, concrete art and the multidimensions that permeate the way these vehicles from Maranhão used creativity to inform and transmit sensations .

Keywords: Design. Communication. Pandemic. The Impartial. The State of Maranhão.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de documentos genéticos.....	20
Quadro 2 – Categorização de análise da Figura 8	40
Quadro 3 – Categoriação de análise da Figura 10	43
Quadro 4 – Protocolo do processo analítico.....	49
Quadro 5 – Categorização de análise da Figura 23	64
Quadro 6 – Capas de cada veículo de comunicação.....	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa criativa e rascunho de processo de criação	19
Figura 2 – Formatos de jornal.....	26
Figura 3 – Capa do jornal Estado de Minas	28
Figura 4 – Do Lixo ao Luxo	29
Figura 5 – Visualidade concreta	30
Figura 6 – Capa do Jornal O Globo, 31 de dezembro de 2020	31
Figura 7 – Exemplo de cartaz de Chéret	36
Figura 8 – Exemplo de capa com meme, 17 de dezembro 2015	39
Figura 9 – Linha do tempo, O Imparcial 2018 a 2019	40
Figura 10 – Capa de O Estado do MA, na década de 70.....	42
Figura 11 – Capa ‘‘Todas as vidas importam’’	44
Figura 12 – Nota de esclarecimento divulgada pelo jornal	45
Figura 13 – Mosaico capas O Imparcial.....	50
Figura 14 – Mosaico capas O Estado do MA.....	51
Figura 15 – Exemplo de periódico da Espanha	53
Figura 16 – Exemplo de capa unificada da imprensa brasileira	54
Figura 17 – Capa-pôster O Estado de Minas.....	56
Figura 18 – Capa-pôster Extra.....	57
Figura 19 – Capa-pôster o Globo	58
Figura 20 – Capa-pôster O Estado de S.Paulo.....	59
Figura 21 – Capas unificada dos jornais maranhenses	60
Figura 22 – Capa do jornal O Paraná alertando para ficar em casa.....	61
Figura 23 – Capa Correio Brazilienze	63
Figura 24 – Capa Extra ‘‘200 mil mortes’’	65
Figura 25 – Capa Extra ‘‘2.165 vidas perdidas’’	66
Figura 26 – Capa O Imparcial 1	68
Figura 27 – Capa O Imparcial 2	69
Figura 28 – Capa O Imparcial 3	70
Figura 29 – O Estado do Maranhão 1.....	71
Figura 30 – O Estado do Maranhão 2.....	72
Figura 31 – O Estado do Maranhão 3.....	73

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	ESTÉTICA INFORMACIONAL E PROCESSO DE CRIAÇÃO	14
2.1	Por uma sintaxe e semântica da linguagem visual.....	14
2.2	Alfabetismo visual para quê?.....	16
2.3	Processo de criação	18
3	DESIGN E COMUNICAÇÃO	22
3.1	Qual a função do design para o jornal?.....	24
3.2	Outras visualidades em diálogo com o jornal	27
3.3	O poder do cartaz	34
4	O PERFIL DOS JORNAIS MARANHENSES	37
4.1	Do jornal de família às capas ousadas: <i>O Imparcial</i>	37
4.2	Do tradicionalismo aos traços criativos: <i>O Estado do Maranhão</i>	41
5	METODOLOGIA VISUAL	47
5.1	Corpus: capas de jornais	48
5.2	Delimitação do universo	49
5.3	Categorização da pesquisa	49
6	A PANDEMIA DA COVID-19: UMA LEITURA VISUAL	52
6.1	A visualidade nos jornais de circulação nacional e regional.....	52
6.2	As capas-pôster e as influências externas	62
6.3	Categorização das capas.....	67
6.4	Análise e Resultados	74
6.5	Análise verbal.....	76
6.6	Análise não verbal.....	77
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	80

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia que se instaurou em todo território brasileiro e por todos os continentes. Diante desse contexto uma série de ações, por meio dos órgãos públicos de Saúde foi adotada para conter o avanço do vírus, denominado de coronavírus ou covid-19.

No entremeio dessa turbulência, a imprensa brasileira e todos os agentes sociais foram surpreendidos e passaram a executar seu papel de intermediadora, somando-se forças com as agências internacionais e as fundações científicas, com o objetivo em informar com precisão o quadro sanitário de várias regiões do país e do mundo.

Apresentou-se um cenário na imprensa que ofereceu um estoque de capas para o qual esta investigação recorreu, usando-se as referências teóricas acerca da tradução de temáticas para o campo visual, conjuntamente com as gramaticalidades disponíveis sobre uma possível sintaxe da linguagem visual e os pressupostos que balizam os estudos que têm como pontos de vista documentos do processo de criação artística.

A opção por uma análise grafo-visual de como jornais diários traduziram o período da pandemia não omite a importância de questões políticas, econômicas e culturais. Todavia, os meandros da forma, muitas vezes, solidificam de maneira mais emblemática as situações contextuais e conteudistas, sendo que forma e conteúdo estão fortemente entrelaçados.

A *priori*, fica claro que a posição dos órgãos de mídia, tanto no plano de publicações com amplitude nacional (internacional também), quanto os veículos locais e regionais, foi de mobilização para o combate à covid-19. O posicionamento editorial contrastou, no caso brasileiro (e também, estadunidense), durante no ano de 2020, com a postura negacionista do presidente da República, algo que adentrou à perspectiva de performance *nonsense*.

A resposta da mídia foi contundente em suas variadas formas de expressão opinativa. A capa com criatividade visual compôs essa lista de gêneros acionados com intuito de mobilizar os leitores para uma total adesão aos protocolos de prevenção ao coronavírus.

Esse dado factual é trabalhado nesta dissertação de modo a contemplar a legibilidade visual em sintonia com a composição verbal, imanente à mídia impressa, atualmente com desdobramentos para o acesso às plataformas digitais.

Com isso, esta pesquisa investiga o processo de criação e os efeitos estéticos das capas de *O Imparcial* e de *O Estado do Maranhão*, além de compreender e descrever o processo de criação na perspectiva das rotinas de diários da capital maranhense; identificar, de modo pontual, linhas do tempo das capas criativas dos jornais em tela.

Em termos formais, têm-se estas composições para delinear os objetivos: Investigar o processo de criação e os efeitos estéticos das capas de *O Imparcial* e de *O Estado do Maranhão*. Quanto aos específicos têm o papel de: a) Compreender e descrever o processo de criação na perspectiva das rotinas de diários da capital maranhense; b) Identificar, de modo pontual, linhas do tempo das capas criativas dos jornais em tela.

Paralelo aos objetivos acima se compreende que este estudo à medida que lança luz sobre os jornais mais resilientes na capital maranhense, como *O Imparcial* (o mais antigo entre os que circulam atualmente) e *O Estado do Maranhão* (o de maior tiragem diária), com maior circulação há décadas, leva-se em consideração a perspectiva à qual se filia esta pesquisa, que é a de lançar um olhar interdisciplinar, porque se identifica uma transversalidade nas temáticas de comunicação, linguagem, estética na abordagem desses dois *corpus*.

Quanto à problematização que norteia este trabalho perpassa a seguinte pergunta: como se processa a produção das capas de *O Imparcial* e de *O Estado do Maranhão* com viés criativo numa perspectiva de atender demandas estéticas, comerciais e ainda satisfazer o público leitor?

Os capítulos são quatro. O primeiro, **Estética informacional e processo de criação** aborda a fundamentação teórica que norteia o caminho metodológico desta pesquisa, por meio dos aspectos da gramática visual e do método crítico-genético e das inferências encontradas tendo como suporte o conhecimento da Semiótica aplicada.

Em **Design e Comunicação**, o capítulo tem como ideia central a questão da forma de apresentação da primeira página dos periódicos na qual as mudanças gráficas e veículos de grande circulação nacional, os regionais e locais são cotejados, e, a relevância do design para a construção grafo-visual das capas de jornais.

O terceiro capítulo: **O perfil dos jornais maranhenses** se destaca a seleção e análise de capas de jornais de São Luís do Maranhão, como os dois de maior circulação escolhidos por esta pesquisa, que é *O Imparcial* e *O Estado do Maranhão*. Nessa fase é apontada uma linha do tempo dos jornais com o objetivo em descrever passos evolutivos visuais desses dois diários.

No capítulo seguinte e penúltimo intitulado de **A pandemia da covid-19: uma leitura visual** é perceptível uma imersão mais aprofundada sobre as análises propostas nesta pesquisa, como a de elucidar os traços criativos de ordem visual que imperam nas capas e como essa concepção é construída na tentativa de passar ao leitor uma organização, clareza e objetividade grafo-visual. Também neste tópico é estabelecido um elo que liga às transformações gráficas em nível nacional e o modo pelo qual os diários da capital maranhense externaram sua política editorial diante da pandemia, com continuidades e eventuais rupturas com padrões gráficos já

incorporados a rotinas profissionais. Nessa etapa, as categorias da sintaxe de linguagem visual (DONDIS, 1997) serão acionadas de modo a cotejar a leitura dos projetos visuais das capas.

Por fim, neste capítulo mencionado acima se tem várias tópicos que envolvem a percepção analítica do corpus. A abordagem sobre um olhar quanto à visualidade nos jornais de circulação nacional e local, como a imprensa brasileira deu enfoque a esta temática; em seguida um viés das capa-pôsteres e as influências externas desse recurso que está em voga nos diários impressos; após o tópico categorização das capas traça elucidação pormenorizada, prevalência das cores e diagramação grafo- visual.

2 ESTÉTICA INFORMACIONAL E PROCESSO DE CRIAÇÃO

2.1 Por uma sintaxe e semântica da linguagem visual

Neste capítulo, aborda-se a relação da sintaxe imagética e o arcabouço teórico que estuda os processos estéticos mediante a construção de uma gramaticalidade visual. O foco é o processo criativo, cuja expressão sintática segue processos não-lineares, mas com legibilidade para quem acompanha os caminhos da criação.

A linguagem para o homem e para a mulher ocupa um espaço notório em sua vivência e relação com a sociedade, porque é capaz de desenvolver habilidades para se comunicar, expressar sentimentos e decifrar informações e mensagens. O canal de relacionamento dos homens com os outros seres é mediado por formas de expressão dos três códigos de linguagem: sonoro, visual e verbal (SANTAELLA, 2001).

A linguagem verbal é hegemônica há séculos. Colocam-se, correlatamente, porém, outras habilidades no âmbito da oralidade e da grafia para se utilizar em situações profissionais, mas também na vida pessoal e afetiva, sendo inspiração intelectual para alargar trabalhos autorais, como na poesia, no romance, na literatura em geral em que o elemento verbal convive com articulações sonoras e visuais.

Destaca-se a visualidade de modo emblemático com vários elementos importantes para composições criativas. A visão é, predominantemente, o primeiro sentido que o ser humano aciona ao nascer e à medida que cresce precisa ativar outros sentidos que dependam de determinados esforços externos.

Observa-se que, mesmo se tendo o verbal com hegemonia no mundo ocidental, a visualidade é um recurso como o qual a humanidade passa a adquirir aguçada percepção. Constata-se que o código visual se constrói alicerçando uma gramaticalidade própria, cuja comprovação é objeto de pesquisa para estudiosos da linguagem e que, muitas vezes, traduz para a forma gráfica a sonoridade do cotidiano. Paul Zumthor oferece uma explicação que contempla o domínio de uma corrente de pensamento que não hierarquiza os códigos de linguagem, ressaltando, entretanto, a perenidade da voz:

Em nossos dias, deslocam-se os lugares dessa voz: séries radiofônicas, televisivas e, mais, sutilmente, a onipresente revista em quadrinhos, que substituiria no século XIX os almanaques em vias de desaparecer. A palavra triunfa aí, inscrita em balões pintados que saem das bocas, em contraponto a uma imagem oferecida à percepção direta e bruta, reduzindo a quase nada a operação de decodificação (ZUMTHOR, 1993, p. 286).

Os quadrinhos, incluindo os infantis, são quase sempre uma porta de entrada para o universo da visualidade desde as primeiras leituras. A tendência que reforça prática de “ler a imagem” está fortemente presente durante a infância, incluindo-se a vida escolar. Em fase de maturação, o conhecimento humano passa a ser guiado pela relação de aprendizado por meio da língua falada e pela escrita, porém para Dondis, “praticamente desde nossa primeira experiência no mundo, passamos a organizar nossas necessidades e nossos prazeres, nossas preferências e nossos temores, com base naquilo que vemos. Ou naquilo que queremos ver”. (DONDIS, 1997, p. 6).

Pode-se retomar, com base nos postulados acima citados, que existe a formação de uma gramaticalidade para o trato com o universo da visualidade. Numa tese de doutorado, Jorge Albuquerque Vieira (1994), define a construção do léxico gramatical de um alfabeto e a instrumentalização para compreender o mundo real.

Uma gramática é basicamente constituída de um alfabeto finito e um conjunto de regras atuantes sobre esse alfabeto (uma sintaxe) e todas as cadeias signícas assim geradas constituindo uma linguagem. Uma observação científica consiste, portanto, no registrar de um texto, formado pela evolução dos estados da realidade (VIEIRA, 1994, p. 14).

As bases conceituais com as quais este trabalho dialoga tem por norte a importância de uma alfabetização visual e aposta na capacidade humana de compreensão tanto por intermédio da leitura verbal quanto pelo exercício da legibilidade visual. Trata-se, portanto, de uma alfabetização por completo.

Ao encontro dessa questão, eis que surge um questionamento: como aprender a perceber e processar a informação visual? Segundo Dondis (1997), existem diversas maneiras de cumprir essa função, a percepção por sinestesia de natureza psíquica são elementos de fundamental relevância para a comunicação visual.

Há um sistema perceptivo básico que sofre variações em sua estrutura e nesse esteio de mudanças reside à sintaxe visual enquanto um código que direciona uma característica dominante e complexa.

Nos estudos da linguística, a sintaxe é a regra que rege a disposição e a estrutura das palavras nas frases; no design, a sintaxe é a construção de uma linguagem visual e do seu arcabouço imagético. Na primeira existe uma predisposição da linguagem em combinar e estruturar códigos e decodificações; na outra, a relação possui uma predisposição ao campo da imagem em criar e entender uma mensagem visual.

Na língua, tem-se o estudo da oração como escopo primordial. Na semântica da imagem, as cores, textura, forma, tipografia, estilo e alinhamento são um dos elementos básicos e

fundamentais que norteiam a conotação, seja ela, caracterizada por uma fotografia ou layout de um produto diagramado.

Imagem é a relação de um elemento visual criado com informações básicas e complementares com o propósito de suscitar uma interpretação. No caso do objeto em análise nesta dissertação, trata-se de uma imagem com fins de informar ou de comunicar: prioriza-se, na exposição do corpus de análise, mais à frente, a relevância da alfabetização em termos de linguagem visual. Ou seja, há um apelo pela presença de um leitor proficiente.

O questionamento provocativo dessa análise pergunta: por que há maior ênfase na alfabetização verbal/escrita, negligenciando-se, até certo ponto, composições da visualidade?

Décio Pignatari, teórico da visualidade por intermédio de ensaios e da prática poética (o exercício experimental da poesia concreta), situa em termos semióticos a questão deste modo:

A divisão dos signos em ‘verbais’ e ‘não verbais’ parte de um preconceito linguístico e cultural que tende a favorecer as associações por contiguidade em prejuízo das associações por similaridade, que é o modo pelo qual se organizam os ícones (matemáticos, sonoros, pictóricos, etc) (PIGNATARI, 1998, p. 62).

O ato de comunicar uma mensagem visual, portanto, recai sobre as composições dos elementos básicos da visualidade que sincronizam um determinado discurso com outros atributos tão importantes quanto os imagéticos: orais, verbais, gráficos e sonoros. Mas a similaridade está presente de maneira constante e, como já foi dito, alargando os horizontes sintáticos e semânticos.

Considerando a relevância que as imagens desempenham e sua exaustiva propagação na atualidade, é necessário entender sempre como, e por qual conjunto de regras, elas são constituídas. O alfabetismo visual, então, possibilita o estudo de um tipo de legibilidade mais por analogias, sem uma carga semântica gerada por automatizações gramaticais, proporcionando uma produção de sentidos mais ricamente fértil, processando novas possibilidades interpretativas.

2.2 Alfabetismo visual para quê?

Engana-se quem acredita na inexistência de uma estruturação para a alfabetização imagética, assim como há sólida organização para o alfabeto verbal. Na comunicação visual, a gramaticalidade se organiza por similaridade.

O processo de aprendizagem do alfabeto visual difere do verbal. O visual não se absorve, apenas, lendo e praticando como a escrita, mas se envolvendo e familiarizando com formas apreendidas¹.

O alfabeto visual permite leituras inclusivas a todos os interessados. Há necessidade, contudo, de se ter um rigor metodológico na análise da escrituração dos elementos visuais, adquirido com a leitura da informação visual amparada em pressupostos da visualidade. Precisa-se de alguma familiaridade com elementos, a saber: ponto, linha, forma, textura, tom, cor, direção, dimensão, escala e movimento que permitem uma nova forma de perceber e decodificar a produção visual. A técnica para se trabalhar com a visualidade passa a ser um elo que cria conexões entre o planejamento e a arte final, expondo conteúdos visuais com base no conhecimento de natureza operacional.

O sucesso de uma mensagem visual está no uso das técnicas que se configuram como relação processual na qual se desenvolve o planejamento em forma de projeto, numa cadeia produtiva que quase sempre produz também efeitos estéticos.

A produção de sentido da peça visual, sobretudo no que diz respeito a produtos midiáticos, tem uma finalidade mercadológica. Todavia, a eficácia estética se faz presente em chave conceitual diversa da noção de belo. O admirável ganha relevo e é prudente recorrer a Max Bense, cuja obra *Pequena estética* traduz de modo profícuo esse novo enquadramento para uma antiga categoria.

Esta estética foi concebida, portanto como uma estética *objetiva e material*, que não opera com meios especulativos, porém com meios racionais. Seu interesse primário é o objeto; a relação com o consumidor; o observador, o comprador, o crítico etc. cede-lhe o passo. Não se trata de uma ‘estética do gosto’, mas de uma estética da ‘constatação’, na qual ‘estados estéticos’, seus ‘repertórios’ e seus ‘portadores’, são descritos de forma ‘objetiva’, ‘material’ e ‘exata’, na linguagem abstrata de uma teoria geral empírica e racional. Sob este aspecto, a denominação ‘estética abstrata’ também seria adequada (BENSE, 1975, p. 46-47, grifo do autor).

Trata-se, pois, de uma estética funcional que abriga as composições da cultura de massas e da indústria cultural. Considera-se que os objetos visuais produzidos a fim de um propósito são gerados com base em uma semântica funcional e utilitária. Diante disso, na funcionalidade de uma imagem, pode-se afirmar que a noção do belo cede espaço para a noção do admirável.

Os meios de comunicação colocam a humanidade em contato com uma gama variada de imagens que estimulam o sentido e a capacidade cognitiva. Existe uma hibridização das diferentes linguagens incorporadas aos diferentes suportes comunicativos. Destaca-se o protagonismo do

¹ Lúcia Santaella advoga em favor da legibilidade do texto visual em várias de suas obras, entre livros e artigos (2012; 2013), sendo oportuno destacar que a semiótica empreende um certo enfrentamento com as posições teóricas que não visualizam, como apropriadas, a leitura imagética de textos gráficos não-verbais.

visual em relação a outros códigos. Configura-se uma convergência das linguagens na comunicação midiática.

2.3 Processo de criação

Como situou Julio Plaza (1987), a criação está umbilicalmente ligada à produção de linguagem, sendo o processo que leva ao ato criativo um fator material, cuja estocagem de rastros de linguagem é intensa, estoque ou documentos processuais que, devidamente recomposto pelo método que expõe as etapas da criação, podem revelar os bastidores e o contexto no qual foi produzida determinada, revelando também os princípios tradutórios (SALLES, 2000; 2006).

Nesta dissertação, enfrenta-se o desafio de encontrar rastros do processo criativo na rotina do extenuante cotidiano das redações de jornal, algo que remete às metodologias etnográficas (News Making por exemplo mas em associação às análises genéticas de raves, layouts, prints), mas que, muitas vezes, de pouca viabilidade, ainda mais em se tratando de um período de isolamento social, por conta da Covid -19, desta finalização do trabalho em 2021, lançando-se mão, de forma paliativa, do contato oral no sentido de que sejam acessadas, pelos menos, alguns índices do processo criativo das capas dos jornais de São Luís, *corpus* da dissertação.

Uma solução para este problema metodológico é incorporar a noção de que a obra entregue ao público também é processo, afastando-se o entendimento acerca da “obra acabada”. Em outras palavras, a capa do jornal de hoje expressa o processo inacabado de criação da capa de amanhã; e, desse modo sucessivamente, o jornal cria sua identidade visual sempre pronta para migrações de forma, conteúdo e sentidos futuros (FERREIRA JUNIOR, 2011).

Para uma compreensão mais pormenorizada, agencia-se o olhar de um crítico de cinema em um prefácio da obra *Redes da criação* (2006):

Analisar, se debruçar sobre uma obra pronta – romance, filme, quadro ou o que for –, devassar-lhe a construção e os mecanismos de significação, e eventualmente emitir juízos de valor: essa é a tarefa do crítico. Tradicionalmente. Essa concepção vem sofrendo profunda transformação (...). A obra que chega ao público não é considerada como uma completude necessária que resulta de sua elaboração, mas como uma possibilidade de um processo que não se completa nunca, mas pode se interromper. Da mesma forma, os documentos produzidos pelo artista ou escritor no decorrer da elaboração da obra não são considerados como balizas fixas que possibilitariam melhor compreensão e análise da obra. Pois o que interessa é o movimento do processo, bem como as relações estabelecidas entre os documentos – o processo como multiplicidade e como rede relacional (BERNARDET, 2006, p. 13).

Na dinâmica do processo de criação e de produção jornalística, o inacabamento não é metafórico, mas, sobretudo um elemento desafiador para renovação da fonte de onde emanam

soluções criativas, não somente as capas, mas também para o conjunto da criação gráfica e visual de todo o jornal.

Na Figura 1, apresenta-se um modelo de capa do periódico O Estado do Maranhão e do processo criativo que reforça a mediação criadora da produção de uma capa de jornal via raves, layouts ou croquis que emanam do processo primário de um complexo de criação visual.

Figura 1 – Capa criativa e rascunho de processo de criação



Fonte: Site O Estado do MA, 21 de outubro de 2019.

O exemplo em seguida de uma capa, e de seu processo (layout), demonstra ser uma criação jornalística trivial, distanciando-se das capas-poster, porém traduz, na chamada principal (manchete), aspectos verbais e visuais de analogias à canção Caneta Azul, do artista maranhense, Manoel Gomes. À época, viralizou nas redes sociais. O jornal utilizou os recursos literários intertextuais da letra musical para alertar as regras usuais da caneta de cor azul nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

No estudo do processo de criação, há o encontro do pesquisador com as possibilidades de acesso ao dossiê genético, compêndio dos esboços adquiridos para compreensão do sistema

criativo. Encontram-se inúmeros elementos do que pode vir a ser conhecido como parte dos variados estados genéticos do processo.

O acesso a essas fontes torna-se tangível com base nas possibilidades garimpadas por meio do acesso aos registros do autor. As ferramentas de trabalho que permitem mergulhar no processo anterior da obra são configuradas em manuscritos, rascunhos, autógrafos, *fac-simile* e demais registros que mantem o dossiê genético como recurso primordial na extração de dados e elucidações, isto é, consolida-se em uma das peças fundamentais da teia criativa.

Alguns dos tipos de instrumentos definidos pelo método como dados de processo estão explanados no Quadro 1.

Quadro 1 – Tipos de documentos genéticos

Anotações	Rascunhos digitalizados	Rabiscos	Croquis	Layouts
Manuscritos	Fac-Simile	Autógrafo	Desenhos	Ilustrações
Provas	Rasura	Script	Suportes computacionais	Escritos/partituras

Fonte: Elaborado pela autora

Os exemplos elencados acima não dizem respeito a uma totalidade que integra um material genético em si, mas aponta para as possíveis estocagens de materiais compostas em uma rede de criação.

Por ser um método que proporciona parte de um processo e não necessariamente possui o ato criador nas mãos, mas fragmentos de seus índices, recursos e apontam os meandros dos primeiros passos da criação, existe um quê de complexidade e que perpassa o dossiê e diz respeito ao controle do caminho criativo.

A categorização dos documentos genéticos desempenha duas funções diante do caminho criativo com base no conceito de armazenamento e experimentação. O primeiro reflete às marcas guardadas nas memórias, ou dos rastros oriundos dos estímulos iniciais, ou aos registros originais da obra. O segundo revela os traços experimentais com base nos estudos literários e consolidam-se em maneiras diversas: mapas, roteiros, planos e ferramentas de trabalho redacional (SALLES, 2000).

No jornalismo, por exemplo, há um movimento criativo em cada capa de publicação impressa que é editada. Para estudar essa imagem emblemática de um jornal, as ferramentas do processo de criação são vistas com auxílio dos pressupostos do design gráfico, estabelecendo-

se um olhar interdisciplinar para o qual o fundamento está em se trabalhar à visualidade das capas dentro de um contexto imagético.

O planejamento do designer é construído e movido por cadeias de pensamento, intenção, desejo e propósito, cuja materialidade está nos chamados documentos de processo (rafes do designer, por exemplo). Cabe ao pesquisador que se debruça sobre a obra atentar para os movimentos da criação e visualizar os indícios do que encontrou ao cotejar e ao se debruçar sobre o percurso da obra numa teia complexa de operações editoriais.

Vala destacar que esses indícios têm sofrido mudanças durante os anos. Se antes o movimento genético nasceu em uma perspectiva de rascunhos e croquis, ainda no século XXI, tem encontrado novas maneiras de imergir na criação digital. Dando um exemplo das capas de jornais, que na era Gutemberg era confeccionada de uma outra forma, ao longo dos anos tem dado conta em diagramar suas capas na tela do computador, com programas de alta definição e eficazes na elaboração do projeto gráfico.

Alguns softwares no mercado lideram a diagramação de revistas, jornais e livros, um dos mais conhecidos e utilizados, segundo pesquisa da Revista Digital Online é o Indesign da Adobe. Por meio desses sistemas de plataforma digital a criação é produzida, colocando-se muitas vezes em segundo plano o material genético impresso, sendo este último fonte de marcações gráficas manuais com subjetivas anotações do profissional do Design.

O processo de criação dos dois jornais em que se propõe esse trabalho possui formas peculiares de produzir as capas. Apesar de ambos estarem há bastante tempo consolidados no mercado do digital e buscarem novas tendências no mercado da editoração.

Entende-se que criação envolve diversos sujeitos que integram a capa que sairá na edição do jornal seguinte. Esse formato de criar depende de cada redação jornalística. Em pesquisa nos dois veículos existe certa diferenciação quando da produção criativa do material. Em O Imparcial, esse trabalho das capas é pensado por um design que trabalha há anos no veículo, que pouco rascunha o conteúdo esperado e alinha a ideia com o diagramador. Por outro lado, o Estado do Maranhão organiza como de práxis uma reunião rotineira para uniformizar os procedimentos e visualizar o formato da capa na edição do dia seguinte.

Sendo assim o processo de criação é um procedimento em cadeia, pensado por uma teia de profissionais, ou não, motivados pela notícia “quente” do dia. A ideia é ocasionada pela informação mais relevante que assim, integrará os traços criativos e a perspicácia de cada veículo em que compreende que esse conteúdo será ferramenta central em um software de programação e diagramação, sendo o digital, a praticidade que as empresas jornalísticas encontraram para dar maior ordenamento visual e ousar em suas criações.

3 DESIGN E COMUNICAÇÃO

Há uma vasta literatura sobre a história do Design, e de sua estreita relação com a Comunicação e a Semiótica, sendo também matriz para iniciativas criativas no campo gráfico e nas aplicações industriais.

Conforme atesta José Ferreira Júnior (2003), quanto à questão do design, é necessário “entendê-lo como elemento do universo da industrialização, e conseqüentemente, da urbanização” (FERREIRA JUNIOR, 2003, p. 56).

Obras clássicas sobre o tema abordam o dinamismo inerente às escolas de design implantadas no país com a perspectiva de ampliar essa área do conhecimento. Um trabalho que contribuiu para o acervo dessa literatura é *Notas para uma história do design*, de autoria de Pedro Luiz Pereira de Souza, no qual se posiciona o design moderno como uma “atividade praticada visando ao projeto de produtos industriais ou a produtos que utilizem processos decorrentes do desenvolvimento tecnológico pós-Revolução Industrial.” (SOUZA, 1998, p. 9). Para Souza, a legibilidade das produções acerca do desenvolvimento do design está sintonizada com história do modo de produção capitalista.

Na definição sistematizada de André Villas-Boas (1998), o “design gráfico é uma subárea da programação visual que, juntamente com o projeto de produto, é uma habilitação do design ou desenho industrial, atividade profissional exercida por designers” (VILLAS-BOAS, 1998, p. 40-41).

Nessa perspectiva, o Design tem imbricações profundas com as mudanças de padrões estéticos do século XX. Um farol a iluminar nessa área foi a Escola Superior da Forma, em Ulm, na Alemanha, posterior à Segunda Guerra Mundial, fundada por Max Bill com o intento de retomar os fundamentos da Bauhaus, referência maior do modernismo nas áreas grafo-visuais e na arquitetura no século XX. É oportuno identificar nessa matriz a construção da noção-chave que sinaliza para o entendimento do que seja esse ramo do conhecimento, tratando-se, conseqüentemente, de uma:

[...] tentativa de unificação das atividades projetuais das várias áreas de produção, e tendencialmente elege a área de design de produto como modelo conceitual privilegiado de visão de mundo. Segundo este parâmetro se delineia a ideia ulmiana do designer: como profissional do projeto do produto industrial genérico, e é esta ideia que circula nas vanguardas construtivas brasileiras (LESSA, 1995, p. 44).

O Design por configurar em seu caráter a essência interdisciplinar com outras áreas do conhecimento, como a arquitetura, as artes plásticas e a comunicação social, possui um diferencial na relação com a área da comunicação. Villa Boas, destaca que a sincronia é direta,

mesmo levando em consideração as distinções presentes. Como é o caso dos profissionais que exercem função na imprensa.

Seja em jornalismo ou em publicidade – as duas habilitações profissionais mais tradicionais da comunicação social –, o design gráfico se insere pelo fato de que a apresentação visual tem papel essencial (e cada vez mais preponderante) em qualquer meio impresso que tenha como função primordial a comunicação (VILLAS-BOAS, 1998, p. 34).

Os elementos basilares do Design chegam ao jornalismo, domínio consolidado da área de Comunicação e Informação, de modo a colaborar para transformar o suporte da linguagem em algo que dialogue com o código verbal, hegemônico nesse tipo de publicação.

Em relação à linha do tempo acerca da utilização do Design aplicada à mídia impressa brasileira, a obra *Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual* (FERREIRA JUNIOR, 2003, 2011) situa três momentos importantes de reposicionamento gráfico dos diários *Jornal do Brasil* (anos 1950 e 1960 no Rio de Janeiro), *Jornal da Tarde* (de 1966 até o final de sua circulação nos anos 2000 em São Paulo) e *Correio Braziliense* (desde a década de 1990 chegando à atualidade em Brasília), durante a segunda metade do século XX.

Na parte final da investigação publicada em livro, o autor sinaliza para a importância de se deslocar o olhar das publicações de centros urbanos economicamente mais destacados para visualizar os jornais de cidades cuja exposição de sua mídia é menos intensa, portanto, merecendo estudos localizada à luz da literatura disponível e atualizada.

Há um paradigma construído pelas experiências dos periódicos diários mais fortemente ligados a “ousadias” grafo-visuais: a capa-cartaz ou capa-pôster, uma primeira página cuja maior é o cartaz publicitário, não a convenção estabelecida pela disposição gráfica usualmente disponibilizada ao leitor.

Incorporam-se a esse modelo de visualidade gráfica, cuja aprovação é sempre reiterada, as expressões imagéticas de jornais de várias partes no primeiro decênio do século XXI. Os jornais regionais, especializados e os elencados como populares demonstram que há um espaço para o crescimento dessa manifestação, proporcionando o surgimento de talentos em vários lugares, não importando muito se próximo ou distantes dos centros urbanos mais dinâmicos do país (FERREIRA JUNIOR, 2011, p. 133).

Em consonância com os propósitos deste texto, aponta-se o panorama conceitual que irá nortear esta dissertação, com foco em capas-cartazes regionais, antecipando-se que a análise empírica levará em consideração o legado de investigações sobre *corpus* semelhante estudados por pesquisadores com alcances regionais e nacionais.

Levando em consideração que a técnica gráfica produz um esteticismo não espontâneo à visualidade das primeiras páginas (ou capas de jornal por derivação de sentido) na atualidade colabora para composições imagéticas que se conjugam em ação estética com o código verbal,

ressaltando-se o protagonismo criativo, em forte sincronia com o código visual da primeira página do jornal.

3.1 Qual a função do design para o jornal?

De origem latina, o termo design possui o sentido de designar, indicar, representar, mas é na língua inglesa que a semântica dessa palavra se torna mais precisa quando a tônica etimológica compreende que é um projeto, planejamento ou mesmo ordenação visual.

No Brasil, os primeiros sentidos da palavra foram compreendidos na implantação de um dos primeiros cursos dessa área, como o de desenho industrial. Sendo essa, escolas de design que se espalharam pelo país todo e funcionaram como verdadeiros laboratórios de criação e experimentação gráfica.

O termo em si é amplo, pois compreende que em dado momento em que é contextualizado pode se remeter ao design como uma área do conhecimento, ou como o profissional que mete a mão na massa, cria e reproduz projetos gráficos. Porém, o escopo deste capítulo não é problematizar sobre a semântica textual da palavra, mas desvendar a relevância do elemento design como uma peça fundamental, revolucionária e evolutiva quanto à questão do imagético nos jornais brasileiros.

Os periódicos modernos possuem grande poder de transformar o que poderia ser palavras, textos e notas em imagens. Isso é perceptível quando se passa a apontar os jornais com coberturas preponderantemente imagéticas muito mais do que textuais. Esse ponto de vista estético é fruto de uma integração de cores, fotografias, gráficos e tipografias resultantes de uma funcionalidade do design, que homogeniza e uniformiza o layout desse produto jornalístico.

O peso da imagem nos jornais é motivado por mudanças tecnológicas na história das redações dos diários brasileiros e também de novas concepções sobre o produto e a disposição da notícia tanto em formato digital como no impresso. Preocupação que dominou as empresas jornalísticas em adotar novos maquinários, mão de obra e percepções ousadas para entregar ao leitor um jornal atrativo, diferente e singular.

Paralelo a isso entra o que se denomina de design e suas multifuncionalidades em transformar o pragmático jornal antigo, sem cor e fontes novas, em um novo produto em que a ordem visual é dominado pela clareza, objetividade e criatividade.

O entendimento sobre a construção diária de um jornal e o esforço em colocar esse produto para funcionar, dia após dia, passa a ser compreendido por meio de dois elementos cruciais do fator design, que é o ordenamento editorial e visual de uma manchete de capa, sendo essa, a primeira imagem que se observa ao ter contato com um veículo impresso.

A função do design no jornal então passa ser uma integralização desses dois fatores que precisam ser sincronizados e combinativos para se somar à forma e ao conteúdo que caracterizam a personalidade gráfica do periódico. Para reforçar essa tese, apresenta-se as palavras de Esterson (2004, p.12), de que [...] “nos melhores jornais estes elementos conformam a perfeita combinação do jornalismo: forma e conteúdo unidos para expressar uma personalidade”.

Equivalente ao que foi dito acima, os dois elementos se complementam e formam a unicidade das páginas do jornal, porém possui particularidades que o distinguem. A ordenação editorial diz respeito ao aspecto informacional, o texto em si, a narrativa adotada pelo veículo, a tônica dos discursos apresentados pelo corpo de jornalistas, editores e a visão da própria empresa jornalística. O visual é o design propriamente implantado por meio da diagramação, é o que organiza a disposição das notícias, recria em cima do que é informado, mescla, seleciona, contorna e colore a face do fato divulgado.

A distribuição e organização do conteúdo da página deve ser atraente, lúcida e rápida de absorver e navegar – achar uma história, por exemplo, ou uma seção regular favorita. Deve destacar aspectos individuais e seções importantes pelo uso do tipo, imagens e de ferramentas gráficas tal como regras e símbolos, deve sumarizar as histórias importantes instigando a atenção dos leitores (ZAPPATERRA, 2007, p.48).

Recorrendo a discursos do senso comum para referenciar o design dentro dessa perspectiva, ele é que o que “dá as caras” ao jornal. Isso porque se entende que o jornal é um ambiente que transmite notícias e ideias e o design é parte integrante deste processo. De um espaço em branco de uma folha de jornal dispõe a informação, e o argumento de como apresentar e organizar os fatos do dia por seção e editoriais é a chave do design, que possui a tentativa em ordenar e tornar compreensiva o fluxo de ideias e informações.

Neste sentido entra a funcionalidade desse elemento que utiliza um tipo de texto, um tipo de exposição, fotografias, linha de trabalho, espaço em branco e uma sequência de páginas na mais adequada combinação, conforme Evans (apud Zappaterra, 2007, p.7).

Os autores Finberg e Itule (1989) são defensores da ideia de que o design de um jornal envolve questões conceituais mais específicas, como estruturas e técnicas que definem suas características visuais. Para eles, há três componentes que respondem as essas questões do design em jornais, e isso se justifica por meio de três elementos, são eles: organização, padrão e estrutura.

Respectivamente o primeiro diz respeito ao deslocamento do conteúdo na página. O segundo tem a haver com a constância visual de como as páginas serão apresentadas diariamente, ou seja, o ritmo impregnado no jornal, ou mesmo o layout padrão, que dá a identidade ao veículo e que o caracteriza como ele propriamente é. Já o terceiro elemento compreende aspectos mais técnicos como contornos, padrão de cores, tipografias e estratégias gráficas.

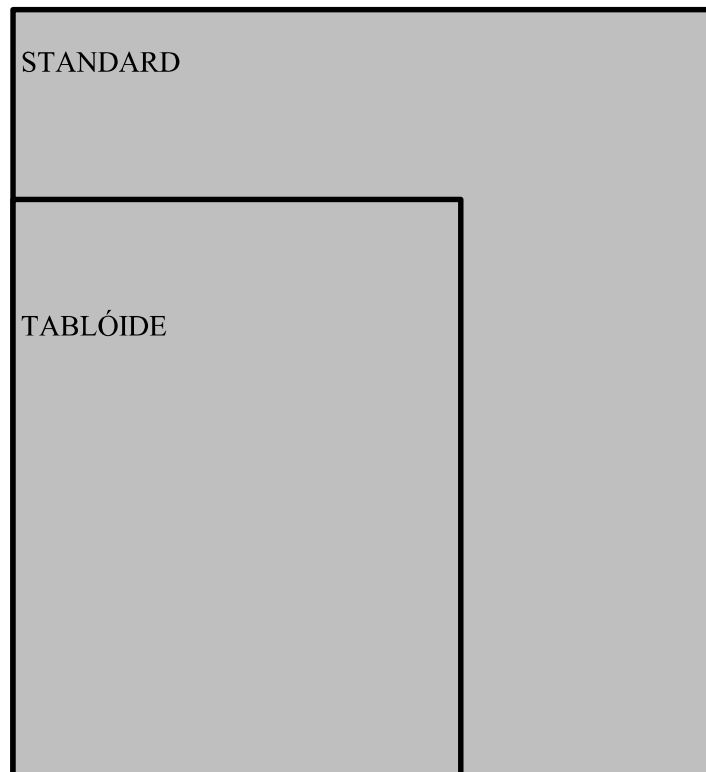
Compreende-se que é o design que expressa e confere personalidade ao conteúdo de cada jornal. Os diversos formatos que singularizam a diagramação e apresentação de um veículo passa por uma questão elemento chamado de projeto gráfico. Ele é a matriz que direciona as vertentes a serem adotadas dentro dessa concepção da linguagem visual.

O que vem a ser o projeto gráfico? Ele é composto pela dupla: diagramação e layout. Ambos elementos que conferem identidade e visualidade ordenada a quem observa o jornal. Nas palavras de Pivetti (2006), é o planejamento de um componente editorial que envolve uma variedade de conhecimentos, pois se entende que o jornal é um produto que instiga a percepção de quem lê e o consome.

Todas essas variações elementares passam pelas mãos de um profissional, design em articulação com o editor de redação do impresso. São eles que pensam como noticiar o fato, criar e experimentar novas linguagens ao público. Para Zappaterra (2007) esse profissional precisa projetar o que faz, tendo o leitor na condição de avaliador da publicação.

Voltando a questão do projeto gráfico, é ele que também concede funcionalidade ao formato do produto, isso diz respeito ao estilo em que o jornal é impresso e entregue. Atualmente existem duas configurações mais usuais dos jornais, que é o formato Standard e o Tablóide, conforme visualizado na Figura 2.

Figura 2 – Formatos de jornal



Fonte: Elaborado pela autora

O formato que é apresentado o jornal também faz parte de uma praticidade que o design dispõe para assim, oferecer facilidades ao leitor que tem contato físico com o produto. Dessa forma, esses aspectos supracitados são essenciais para se atingir o propósito esperado de seduzir a atenção do leitor e de cativar a proximidade entre esse público e a publicação.

3.2 Outras visualidades em diálogo com o jornal

O jornal é um todo com pequenas partes que o compõe, e isso é notório quando se compreende a importância da visualidade. É um tipo de linguagem, praticada na construção do seu fazer diário. Mescla vários tipos de linguagens e personifica o conteúdo da informação com acionamentos diversos, que perpassam o contexto da notícia divulgada.

A clareza do que está sendo apontada acima, é quando a linguagem da poesia, por exemplo, perpassa uma manchete, quando a literatura toma de conta de uma concepção factual de morte que acometeu um artista, quando um filme célebre permuta com um aspecto em que a notícia coaduna e possui um elo, ou seja, quando as linguagens se unem e se identificam à presença não apenas da notícia em si, crua, mas de outros elementos intertextuais que uniformizam o que se quer informar.

Isso é reforçado no caso da Figura 3, na capa do jornal *O Estado de Minas*, quando noticiou no dia seguinte o falecimento do artista brasileiro Aldir Blanc, vítima da covid-19, num hospital público do Rio de Janeiro. A maneira como foi informado o acontecimento operou o acionamento de uma capa-cartaz que dominou toda a primeira página do veículo e muito mais do que noticiar, homenageou o músico, com elementos textuais que correspondem às canções escritas por Blanc, com a mesclagem da linguagem visual toda em formato de caricatura, em uma mesa de bar, só, e em postura reflexiva.

O periódico traz uma homenagem ao compositor com trechos das composições do artista para enfatizar as notícias do Brasil e de Minas do dia 4 de maio de 2020. Desde a postura do artista desenhado, percebe-se que ele está em outro plano, o que parece ser divino, celestial, com roupas brancas e sua caderneta de anotações que remetem a sua veia de compositor, e durante todas as laterais e os contornos do jornal, em um fundo branco, apresentam-se títulos de canções compostas por Blanc.

É notória uma manchete em tom de reconhecimento e despedida ao artista, que no final conclui no rodapé do jornal o seguinte trecho da letra da canção *O bêbado e o equilibrista*, de Blanc e João Bosco: “o show de todo artista tem que continuar”. Trata-se de uma linguagem textual, poética que diz respeito a uma despedida terrena, mas continua no plano celestial. Todos esses elementos citados: o espaço branco, a caricatura, poucas cores, contornos de caixas pequenas nas

laterais; e, quanto ao conteúdo, tom poético e metáforas musicais condizem com um diálogo visual que se torna híbrido quando da junção estética com a informação.

Figura 3 – Capa do jornal Estado de Minas

ESTADO DE MINAS
www.em.com.br
SELO HORIZONTE - TERÇA-FEIRA, 5 DE MAIO DE 2020
R. W. DE S. S. R. Nº 100 - BOMAS - 31.020-000 - TERESOPOLIS - RJ - 021240-000

CHORAM MARIAS E CLARICES NO SOLO DO BRASIL

NA CORDA BAMBA
OS SALTOS LETAIS DA PANDEMIA

EM CADA PASSO DESSA LINHA PODE SE MACHUCAR

No dia em que se despedia de um de seus maiores compositores, "a nossa pátria mãe gentil" chorou, nas vozes de Marias, Clarices e muitas outras, as mortes de mais um de seus filhos, vítima da terrível COVID-19 que levou Aldir Blanc. Segundo dados do Ministério da Saúde, o total de óbitos no país chegou a 7.321, com um contingente de contaminados que atingiu 307.780 pessoas, acirrado de 6.633 diagnósticos em 24 horas. Um dos estados líderes em quantidade de doentes e quadros letais, o Amazonas recebeu a visita do ministro da Saúde, Nelson Teich, que cumprirá agenda em Manaus, onde chegou ainda no domingo. • Em Minas, com 3.327 infectados e 90 óbitos, o pico da pandemia deve ocorrer em 6 de junho, estima a Saúde estadual.

AMIGO É PRA ESSAS COISAS

Impulsado por decisão do Supremo Tribunal Federal de enviar ao governador do Estado o nome do governador Alexandre Marzagam, acusado como gestor de sua família, o presidente Jair Bolsonaro determinou a indicação nomeando para o cargo a corporação Brasileira de Engenharia. O nome de Roberto Marzagam de Souza, então o atual governador, foi escolhido no Diário Oficial do Estado como novo diretor-geral do FE.

PRICIANA J

UMA DOR ASSIM PUNGENTE

As batidas no peito do fideles não vinham do tempo, mas de um tempo muito mais antigo: são 23 anos neste mundo. Apesar de ter vivido 90 anos, o fideles não viveu em um tempo de paz e prosperidade. Quando o fideles morreu, o Brasil estava em um momento de crise econômica. Quando o fideles morreu, o Brasil estava em um momento de crise econômica. Quando o fideles morreu, o Brasil estava em um momento de crise econômica.

PRICIANA J

SE EU TÔ DEVENDO DINHEIRO E VEM UM ME COBRAR

Frederico Albuquerque tem uma história de dificuldades financeiras desde criança. Quando ele nasceu, seu pai já estava com dificuldades financeiras. Quando ele nasceu, seu pai já estava com dificuldades financeiras. Quando ele nasceu, seu pai já estava com dificuldades financeiras.

PRICIANA J

GALOS DE BRIGA

A temperatura política voltou a subir em Brasília com o movimento de briga do deputado do ex-ministro Sérgio Moro à PF. Moro acusou o chefe de emissários de nomearem filhos por influência para entrar politicamente no legislativo.

PRICIANA J

ETERNA CRIANÇA

Conhecido por situações memoráveis em eventos, entrevistas e programas de humor, o ator Flávio Migliaccio foi encontrado morto ontem em sua casa, no Rio de Janeiro. Ele se suicidou com uma dose de 100 mg de cloreto de potássio. Ele tinha 85 anos e era casado com uma mulher com quem se divorciou há alguns anos.

PRICIANA J

DOIS PRA LÁ, DOIS PRA CÁ

O prefeito Alexandre Costa deu sinais de hesitação no momento de eleger o filho para o cargo de vereador. O filho de Costa, Alexandre Costa, é um dos candidatos a vereador na cidade de Belo Horizonte. O filho de Costa, Alexandre Costa, é um dos candidatos a vereador na cidade de Belo Horizonte.

PRICIANA J

O SHOW DE TODO ARTISTA TEM QUE CONTINUAR

OBRIGADO PELAS PALAVRAS, ALDIR BLANC (1946-2020), E PELAS IMAGENS, FLÁVIO MIGLIACCIO (1934-2020).

As origens da visualidade de jornais remontam as práticas criativas artísticas, sobretudo de movimentos de vanguarda. A constância de um diálogo transversal e intertextual é resultado de experimentações poéticas, literárias, artísticas entre outras linguagens. Parte dessa experiência dialógica passa pela possibilidade criativa e a relevância funcional que o campo do design possui.

Como exemplificação os irmãos Haroldo e Augusto de Campos, juntamente com Décio Pignatari (no processo de criação da Poesia Concreta), levaram adiante o legado de poetas experimentais estrangeiros e brasileiros, podendo-se colocá-los na mesma linhagem de Oswald de Andrade, ao lado de latino-americanos como o chileno Vicente Huidobro, ou de europeus como o francês Stafany Mallarmé e de tantos outros. Augusto de Campos tem trabalhos celebrizados, por levar ao limite a experimentação visual, como nestes dois exemplos: Figura 4 e Figura 5.

Figura 4 – Do Lixo ao Luxo



Augusto de Campos — 1965

Fonte: <https://luxosdolixo.com.br/>

Figura 5 – Visualidade concreta



Fonte: <https://luxosdolixo.com.br/>

As Figuras 4 e 5 tratam, portanto, de uma poética verbi-voco-visual, expressão cunhada pelos poetas concretos, cuja influência, ao menos lateral, foi importante para renovação do planejamento gráfico dos jornais brasileiros durante a segunda metade do século XX.

No caso da Figura 6, na capa do jornal o Globo a visualidade em formato de uma carta domina o espaço, com fotos dispostas em quatro pelo layout. Outra pontuação é o aspecto textual

que remete a uma linguagem poética e desmembra o discurso informativo em que as manchetes do jornal estão acostumadas a apresentar.

Figura 6 – Capa do Jornal O Globo, 31 de dezembro de 2020

O GLOBO



Irineu Marinho (1876-1925) — (1904-2003) Roberto Marinho
RIO DE JANEIRO, QUINTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 2020 ANO XLVII - Nº 31.523 - PREÇO DESTA EXEMPLARNO RJ - R\$ 5,00

O premiado escritor angolano José Eduardo Agualusa, colunista do GLOBO, dá as boas-vindas ao ano que chega com esperança e lirismo: 'Mais do que antes, é importante conversar sobre recomeços. Trocar sonhos. Debater utopias'

Carta a 2021



Heróica. A médica Júlia Guimarães, 25 anos, foi para o front da pandemia no primeiro ano de formada e teve que sair de casa para proteger a família.

Querido 2021, seja bem-vindo!
Entre, a casa é sua.
Se não for pedir demais, nos devolva, por favor, todos os abraços que seu prezado antecessor nos roubou. Queremos também as gargalhadas dos parentes e amigos, o livre sorriso dos desconhecidos, a brisa no rosto. Gostaríamos ainda de ter de volta a alegria das viagens; a tumultuosa euforia dos estádios e dos grandes shows; todas as tardes em que não fomos beber cerveja com os amigos no boteco da esquina.

Não se esqueça de nos devolver aqueles jantares intermináveis, em que discutíamos o fim do mundo e como iríamos recomeçá-lo. Hoje, que sabemos muito mais sobre o fim do mundo, essas conversas antigas me parecem todas um tanto ou quanto ingênuas. Contudo, mais do que antes, é importante conversar sobre recomeços. Trocar sonhos. Debater utopias.

Peço em particular que me devolva os festivais literários — dos quais, em 2019, eu estava até (confesso) um pouquinho enfastiado. Durante o seu reinado, quero muito regressar a Paraty. Não posso perder a FliAraxá, a Flup ou a Flica, em Cachoeira.

Eu, que não sou de futebol nem de carnaval, agora sinto ânsias de me perder entre multidões, gritando, sambando, abraçando, me descobrindo nos outros. Quero dançar sem culpa. Quero poder voltar a abraçar meus velhos pais sem medo de os contaminar.

A maior invenção da Humanidade não foi a roda nem o fogo. Não foi o futebol, a feijoada, o samba, o xadrez, a literatura, sequer a internet. A maior invenção da Humanidade, querido 2021, foi o abraço. Olho para trás e vejo a primeira mãe, acolhendo nos braços o filho pequeno. O nosso pai primordial apertando contra o peito forte (e peludo) a mulher amada; dois amigos se consolando numa armadura de afeto. Depois desses primeiros abraços, alguma coisa mudou para sempre. O mundo continuou perigoso, sim, o mundo será sempre perigoso, mas passamos a ter o conforto de um território inviolável. Foi o abraço que fundou a civilização.

Com elevada estima,

José Eduardo Agualusa



Sem soltar as mãos. Diante da crise, o chef João Diamante, que tem um projeto social, juntou-se a amigos e doou oito toneladas de alimentos.



Isolamento. Servidora da Câmara do Rio, Moema Carneiro sofreu com as dores da clausura por meses, mas diz que aprendeu a sentir a dor do outro.



Viver # precisa. Maria Barki Nefring, 10 anos, não vê a hora de receber a vacina para abraçar amigos e fazer ju-jitsu: "em casa, fico muito entediada".

Fonte: www.oglobo.globo.com

É importante ressaltar que as expressões de visualidades, *corpus* desta pesquisa, têm magnitude tanto no plano do jornal impresso quanto na exposição na mídia digital, podendo-se identificar certa linha do tempo do final do século XX até este momento do século XXI.

Estabelece-se um elo que liga a criação poética a processos produtivos que levam à finalidade do consumo. Trata-se do caso do jornalismo, mas também da publicidade. Sobre esta última, Eduardo de Oliveira Elias, em sua obra *Autopoiesis, semiótica e escritura* (2008), indica o horizonte conceitual para publicidade:

É de se observar, portanto, que a mensagem publicitária é publicidade e outras coisas. Tais coisas não lhes são estranhas, nem exteriores, mas integram a sua constituição. A publicidade plena, eficiente e eficaz vai além de si mesma; imprime à sua codificação, aos seus registros verbais e icônicos, a transcendência de sua função referencial, tensionando códigos e veículos, revelando algo irredutível à canção provisória e perecível do consumo: a mediação antropológica da qual provém e para a qual retorna e alimenta (ELIAS, 2008, p.109).

André Villas-Boas (1998) já chamava a atenção para o fato de o profissional do Design Gráfico estar, rotineiramente, a serviço da publicidade e do jornalismo, uma faceta empírica que pode conduzir ao entendimento de que o próprio jornal é um produto à venda (MEDINA, 1988) para o qual a primeira página já se apresenta, habitualmente, como arranjo visual e estético capaz de induzir ao consumo. Cabe ao designer a condução do processo em diálogo com jornalistas e, até mesmo de quando em vez, com os profissionais do setor comercial, responsáveis pela veiculação de anúncios publicitários.

Pode-se, com alguma cautela, a partir deste ponto do trabalho, articular uma aproximação com o conceito de *tradução*, apontado neste caso para o processo de traduzir uma determinada configuração contextual e diária e traduzi-la para a capa de jornal que, na atualidade, será exposta, também, por diversas plataformas do universo digital.

O que traduzir? Boris Schnaiderman, reconhecido pela qualidade de suas traduções de obras literárias diretamente do idioma russo, num ensaio focado sobre a missão do tradutor, discorreu acerca da ligação entre a essência desse trabalho e o próprio ato de viver: Não será nenhuma novidade dizer que a tradução é inerente ao humano, pois, ao comunicar-me, estou verbalizando meu processo interior. A própria vida está ligada à tradução, basta pensar no DNA etc, etc (SCHNAIDERMAN, 2011, p. 38).

O tradutor coloca em debate, mais adiante, as condições objetivas do trabalho tradutório, sobretudo as pressões advindas dos controladores da difusão de livros; cuja correlação com o jornalismo pode ser associada às pressões do fechamento diário das edições e das conveniências e estratégias do setor comercial.

Sinaliza-se, nesta abordagem, para agenciar a tradução intersemiótica como vetor aglutinante do ato da criação, articulada por Julio Plaza e cuja formulação leva aos projetos poéticos explícitos, nas manifestações artísticas, ou mesmo implícito, no caso do jornalismo.

A Tradução Intersemiótica de cunho poético pode ser contextualizada de duas formas: primeira, face ao contexto da contemporaneidade da arte, isto é, como política; segunda, como prática artística dentro dessa contemporaneidade, isto é, como poética (PLAZA, 1987, p. 205).

Plaza foi, até certo ponto, profético ao enunciar as transformações já colocadas há três décadas no cenário artístico, amplamente situadas nas práticas do mundo das artes deste século.

Na nossa contemporaneidade, a criação está dramaticamente perpassada pela influência dos meios de repro-produção de linguagens. Hoje, assistimos a uma transformação profunda e radical na produção cultural que configura este momento histórico. Não mais a dominância de sistemas artesanais ou mecânicos, mas de sistemas eletrônicos que transmutam as formas de criação, geração, transmissão, conservação e percepção de informação. Estas formas se nos apresentam como um fenômeno novo que exige um outro modo de aproximação, isto porque estas formas culturais são feitas por processos de tradução de linguagens digitais que tendem cada vez mais para a desmaterialização. O caráter *transductor* e de *interface* das novas formas eletrônicas, torna-se agora de uma importância ainda não avaliada na sua dimensão exata (PLAZA, 1987, p. 206, grifos do autor).

Dessa forma como frisado em outros momentos desta pesquisa, a área do design é função e operação, e isso é uma questão tratada pelo design Joaquim Redig (2011), em uma das suas obras sobre o tema.

Em um artigo intitulado “*Design: responsabilidade social no horário do expediente*”, na coletânea *O papel social do Design Gráfico* (2011), organizada por Marcos da Costa Braga, o autor empreende uma distinção importante para separar o entendimento sobre o que seja *função* de um e o que se caracteriza por *operação*. A separação entre as duas categorias esclarece pontos acerca do conjunto de procedimentos de várias profissões. Para isso, ele se vale de uma analogia bastante usual:

É preciso não confundir *função* com *operação* de um produto. A operação de um automóvel consiste em abrir a porta, sentar, ligar o motor, engrenar, acelerar, frear, estacionar, desligar. Essas são (algumas das) funções operacionais, digamos. No caso de um livro, as funções operacionais são leitura, o manuseio e a guarda do livro. Mas, além dessa operação, há muitas outras funções que fazem do contexto do usuário: a função social, cultural ambiental, e mesmo a função lúdica, poética, ou estética (REDIG, 2011, p. 95, grifo do autor).

Em se agenciando um olhar semiótico, há necessidade de outra compreensão/distinção conceitual para um melhor entendimento do que seja uma eficaz leitura visual. Para tal intuito, é pertinente o ponto vista do semioticista, Décio Pignatari, cuja perspectiva valoriza constantemente o plano da forma:

Como não há forma sem conteúdo, nem conteúdo sem forma (em termos semióticos: não há signo sem significado, nem significado sem signo), o que se denomina ‘tema’ será sempre um signo. [...] a obra de arte é insolúvel, não se dissolve no discurso teleideológico, Afinal, é mais fácil ordenar um tema do que um estilo, o qual, dialetizando o

significado único, unilateral e unidirecional, pode resultar em cripto-discursos paralelos que negam o próprio tema de que tratam, abrindo caminho para posições de desacordo, oposições (PIGNATARI, 1988, p. 22).

O pensamento de Pignatari abriga as possibilidades advindas das vanguardas artísticas, cuja expressão mais viva é o rompimento com padrões estabelecidos, abrindo-se possibilidade real para as experimentações que se reportam ao aparecimento de “novas gramáticas”, ou seja, o surgimento de novos signos os quais fazem elo entre passado e futuro.

3.3 O poder do cartaz

É no século XV que há indícios dos primeiros cartazes produzidos, mas é somente no final do XIX que este elemento se tornou popular. Uma dessas motivações foi ocasionada por uma série de fatores tecnológicos como as modificações significativas na fabricação do papel e nos processos de impressão gráfica daquele contexto.

Os primeiros modelos carregavam uma simplicidade na cor, textura e com uma variedade de tipos compositivos de fontes. Continham apenas imagem e texto com elementos visuais rasos. Essa realidade mudou quando surgiu a litografia, que possibilitou a impressão de áreas homogêneas, aplicação de cores e tons diversos, além de tipografias distintas. A invenção da litografia também favoreceu o lado econômico desse processo, pois permitiu tiragens em grande escala, precificação favorável e formatos diferentes dos comumente utilizados.

A priori, o cartaz tinha função de suma importância na época, principalmente com foco na divulgação de eventos culturais e de entretenimento. Função essa que Verhagen (2004, p.127) pontuou como sendo meramente “comercial, tosca, um anúncio preto e branco com uma imagem altamente esquemática ou sem nenhuma imagem”.

Com a sua acelerada difusão na primeira década da Terceira República Francesa, tornou-se um meio mais sofisticado e isso se deu motivado pela incorporação de cores em seu formato. Os novos modos de confeccionar cartaz foi resultado de um esforço genialista do francês Jules Chéret, que ficou conhecido por toda a Paris e aclamado pela imprensa e críticos de arte.

Chéret passou a construir uma identidade visual própria que colaborou posteriormente a uma linguagem visual moderna para a época. Utilizou cores vibrantes, alegres, valorizou a figura central de um personagem e inovou com a ampla aplicação de tons e teias compositivas do campo gráfico apropriado para aquele século. Mas, para Meggs (2009), um outro francês, Henri de Toulouse-Lautrec, amadureceu as ideias de Chéret e compatibilizou texto e imagem em um novo estilo diferenciado.

A progressão do que passou a se definir um cartaz e sua função passa por um viés urbano, econômico e social. Há textura, cor, tons, grafismo e variantes que refletem assim a dinâmica da vida social, porque compreende que o elemento cartaz faz parte de uma cultura e de um determinado contexto social, ou seja, ele assim como antes, imprime um ponto de vista sobre realidade, traduzindo-se num estilo artístico da época. Como enfatiza Hollis (2000, p.115).

Nas ruas das crescentes cidades do final de século XIX, os pôsteres eram uma expressão de vida econômica, social e cultural, competindo entre si para atrair compradores para os produtos e público para os entretenimentos. A atenção dos transeuntes era capturada pelo colorido dos pôsteres, que se tornou possível graças ao desenvolvimento da impressão litográfica. As ilustrações refletiam o estilo artístico da época e introduziam uma nova estética de imagens econômicas e simplificadas, decorrentes dos meios utilizados para reproduzi-las. O que lhes dava um contexto preciso era o texto.

A viabilidade econômica do cartaz, além de ser uma imagem fixa, direcionada ao público em trânsito, possui a capacidade de atingir públicos diversos como reforçou Sant'anna (2006, p.65).

Enquanto o folheto, o rádio, a TV, etc. vão à residência do consumidor, o jornal e a revista são comprados de motus próprio, o cartaz e o luminoso são percebidos de passagem, nas vias públicas, mais ou menos casualmente. Entretanto, pelo seu tamanho e pelas cores (e o luminoso pelo fulgor) exercem impacto sobre o público e pela repetida exibição conseguem influir, fixar uma mensagem breve e veicular uma impressão.

Faz-se necessário pontuar que a função do cartaz não é um fim em si mesmo apenas na divulgação de determinado evento ou produto. Isso se torna perceptível quando se percebe que ao longo dos tempos, o cartaz se mostrou com grande potencial em identificar movimentos no decorrer dos anos, especificamente pelas peculiaridades estéticas aplicadas na elaboração de uma mensagem.

No caso do jornal e das suas composições em capa-pôster o cartaz se faz presente. Isso é visto quando a primeira imagem de capa ocupa todo o espaço, apresentando elementos visuais uniformes e peculiares à conceituação de um cartaz. Dessa forma o que se compreende como capa-cartazes no veículo de comunicação é resultado de um processo de séculos passados, de experimentação visual de cores, tons, linha, direção, movimento e textura.

Assim a trajetória do design de cartaz está intrinsecamente ligada à história de um lugar e de uma cultura. Atualmente, o formato do cartaz mudou consideravelmente. Em tempos atuais e com o advento da tecnologia e do digital o cartaz passou do impresso para o formato virtual, modificando a forma de divulgar e apresentar um produto ou informação.

Essa questão é notória quando em ruas e praças públicas o estilo outdoor estático e ao ar livre passa a ser em um telão amplo, com fluxo intenso de anúncios e dinamismo, quanto ao

tocante das capas-pôsteres essa consolidada configuração não difere da realidade existente no modo de fazer um jornal visualmente atraente.

Na Figura 7, um exemplo de cartaz de Chéret datado do século passado.

Figura 7 – Exemplo de cartaz de Chéret



4 O PERFIL DOS JORNAIS MARANHENSES

4.1 Do jornal de família às capas ousadas: *O Imparcial*

Tentar traçar um perfil quase que completo desse jornal a qual se propõe este tópico é imergir em dois fios condutores que se tornam necessários para a compreensão da linha histórica do veículo, que são: o comportamento editorial (linha ideológica) e a evolução gráfica (mudanças tecnológicas), que esse impresso sofreu.

O jornal maranhense possui 94 anos de fundação. Faz parte do rol dos três principais periódicos da cidade de São Luís. Dentre os jornais regionais, destaca-se por diversas capas criativas, alternando os moldes do conteúdo informativo com a visualidade gráfica da capa.

A primeira coordenada de transformação de *O Imparcial* se iniciou em diversos momentos para chegar ao que é conhecido atualmente como o modelo gráfico moderno e ideal. A década de 70 foi o auge dessa consolidação em que surgiu a implantação da rotativa em offset. Esse novo modelo possibilitou agilidade e praticidade nas tiragens do diário, além da qualidade nas reproduções.

Outra fase que marcou a renovação do parque gráfico foi a chegada do maquinário que implantou a policromia, que foi a impressão a cores e um processo de composição eficiente que a offset. Essa segunda mudança foi marcada nos anos 80, quando a cor foi um elemento fundamental, possibilitando também qualidade e velocidade nas tiragens diárias.

Para reforçar esse período da história do jornal, o porta-voz e diretor Pedro Freire em uma entrevista registrada no site do veículo, em 1º de maio de 2018, contou um pouco desse momento de revolução tecnológica do periódico: [...] Neste período, começamos a trabalhar com os computadores, disquetes e toda aquela novidade tecnológica da época. Quando começamos a nos informatizar (GEDEON, 2018, n.p.).

Diante de todas as mudanças até agora traçadas a de 2001 proporcionou uma marca que faz parte da fisionomia visual e é característica tombada desse veículo regional neste século. Nesse mesmo ano a aquisição de uma máquina ultramoderna, com comandos automáticos consolidou-se o jornal na era informática, pois possibilitou integração digital que vai desde a fotografia, escritura textual, diagramação das páginas e novas composições para o setor gráfico.

Neste momento, o jornal estabeleceu um padrão próprio de programação visual e de ordenação gráfica por meio de um diálogo com o associado Correio Brasilense, da capital federal, no qual surgem esporadicamente as conhecidas capas-cartazes e capas-pôsteres. Nesse

novo elemento, destacam-se fotos, desenhos, composições híbridas, modernizando indicadores da gramática visual, inserindo a publicação entre as de vanguarda do design gráfico nacional.

Atualmente, *O Imparcial* é um jornal que trabalha com a leitura em tela com recurso digital e predomina a sua constante ascensão em ser um jornal da empresa Diários Associados, outrora poderoso conglomerado de mídia que ainda resiste como poucos veículos de comunicação.

O Imparcial traduziu, por seu turno, essa prática de modo a adaptá-la à realidade maranhense, sem deixar de lado temas de alcance nacional. Esse processo foi perpassado por momentos de maior ousadia e, às vezes, de certa revisita ao estilo de “jornal de família”, com programação visual mais conservadora e aos moldes dos anos 1980.

O jornal passou por uma linha evolutiva quanto à questão da produção de capas mais criativas. Isso porque desde o século passado tem investido em equipamentos de ponta para amplificar seu alcance à qualidade do produto.

Quanto à questão editorial, atualmente é um veículo que possui uma linha editorial voltada para as ações favoráveis dos poderes estadual e municipal, com matérias positivas sobre essas duas esferas de Poder. Postura essa adotada pela tônica discursiva das suas edições diárias.

Diferente de *O Estado do Maranhão*, *O Imparcial* adota mais capas-pôster em datas comemorativas ou momentos céleres que o outro veículo, isso porque a sua trajetória editorial e grafo-visual tem passado por mudanças que consolidam o diário como uma idiossincrasia eclética visualmente.

Para exemplificação do que se quer dizer e trocando em miúdos: o recurso de um *meme* vale mais do que mil palavras. Foi o caso do exemplo exposto em seguida, quando a Justiça Federal em São Paulo ordenou a suspensão do aplicativo WhatsApp em todo o Brasil, observe como o jornal na edição do dia seguinte noticiou o ocorrido (Figura 8).

Figura 8 – Exemplo de capa com meme, 17 de dezembro 2015

www.oimparcial.com.br

CAPITAL E INTERIOR R\$ 2,00

O IMPARCIAL

QUINTA-FEIRA, 17 DE DEZEMBRO DE 2015 EXEMPLAR DE ASSINANTE Ano LXXXIII Nº 24.601

Você pega o celular e não tem nenhuma mensagem do WhatsApp. Aí lê o jornal E paaahhh!



Descobre por que a Justiça bloqueou o aplicativo

A 1ª Vara Criminal de São Bernardo do Campo (SP) determinou às operadoras de telefonia móvel o bloqueio do aplicativo WhatsApp, pelo período de 48 horas, em todo o país. O Sindicato Nacional das Empresas de Telefonia e de Serviço Móvel Celular e Pessoal (SindiTelebrasil) confirmou que as empresas associadas à entidade receberam a intimação judicial na tarde de ontem e que irá cumprir a determinação judicial.

Confira alternativas para o bloqueio do WhatsApp

PÁGINA 6/GERAL
www.oimparcial.com.br




Novo Hospital da Criança Edvaldo Júnior acompanhou os serviços de concretagem da laje do primeiro piso do prédio do novo Hospital da Criança, que dobrará sua capacidade de atendimento. URBANO/PÁGINA 2

Orçamento 2016 será votado hoje na Assembleia
PÁGINA 2/POLÍTICA

Câmara de São Luis aprova novo regimento
PÁGINA 2/POLÍTICA



IMPEACHMENT Ato pró-Dilma reúne centenas no Centro de São Luis
PÁGINA 2/POLÍTICA

Julgamento no STF será retomado hoje
PÁGINA 2/POLÍTICA

Rodrigo Janot pede o afastamento de Cunha
PÁGINA 2/POLÍTICA

Esportes O chute inicial do Moto Club

Em evento mais centenário de Iranduba, o Moto Club lançou o projeto para a temporada 2016 com novos uniformes, Nêzeze Santos e cerveja com muita gingelita.
SUPERESPORTES 4

Marés

Baixa	04:30	0,3
Alta	10:32	4,4
Maré	16:53	0,0
Baixa	22:58	6,1

Negócios

Empresas da construção civil, personalidades e instituições parcerias que se destacaram durante este ano serão homenageadas, hoje, pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Maranhão.

Bastidores

Desde quando o MDB, em 1980, ganhou o "F" do PSD e iniciou a postura de oposição à ditadura de 1964 por uma linha centrada, nunca esteve tão perto da reificação como agora.

Brasilia-DF

Com todas as alas do PMDB atingidas pela Operação Castilhos, Eduardo Cunha ganha força para pagar suas premissões no grupo dos desconfiados em relação à lealdade de Dilma Rousseff.

Nossa Visão

Elitismo talvez seja o adjetivo mais adequado para caracterizar o Acordo de Paris. Em 12 dias de negociações, 195 países chegaram a denominar o consenso para salvar a vida no planeta.

Giro

A Selic e o Dettom-MA realizaram hoje, às 18h, coletiva de imprensa para apresentar o Calendário de Pagamento do Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA), do exercício de 2016.

0800 TELEFONES: GERAL: 3212.2000 COMERCIAL: 3212.2030 CLASSIFICADOS: 3212.2020 C.A. - CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: 3212.2012 REDAÇÃO: 3212.2015 DIÁRIOS ASSOCIADOS 

Em relação à imagem (Figura 8) a sua análise passa pelo crivo de alguns elementos, como cor, diagramação e elementos visuais e textuais. Adianta-se que não chega a ser uma capa-cartaz, pois parte da manchete principal ocupa apenas metade do todo da capa. Dessa forma, existe um quê de convergência midiática quando o jornal se apropria de códigos visuais ao representar uma figura usual no aplicativo de mensagens instantâneas, que é um gato caricato, com óculos e fazendo uma postura decisiva. Quadro 2

Quadro 2 – Categorização de análise da Figura 8

Cor	Cor de fundo branco usual. Utiliza pouca policromia.
Diagramação	É uma meia-capa. Alinhamento central.
Elemento visual	Utiliza emoticon, elemento corriqueiro e bastante usado pelos usuários do Whatsapp.
Elemento textual	Intertextualidade. Linguagem informal e onomatopeia com a escrita do “Paaah”, indicando um som de suspense. Outra questão semântica diz respeito à anulação do aplicativo e o destaque à rotatividade do jornal, que diferentemente do Whatsapp não parou e da importância da informação em justificar o porquê da paralisação.

Fonte: Elaborado pela autora

Algumas capas do jornal, como da Figura 9, perderam a exuberância das cores e um aspecto de metonímia com o tema factual proposta na capa, que, necessariamente diz respeito à manchete predominante do dia.

Figura 9 – Linha do tempo, O Imparcial 2018 a 2019



Fonte: capas extraídas do oimparcial.com.br

Quanto à questão da pandemia iniciada entre os meses de fevereiro e março de 2020, esse contexto tem possibilitado ao jornal variadas manchetes de capas em formato cartaz, com explícito propósito em informar e conscientizar os leitores sobre a seriedade do assunto. Alguns desses recursos trabalharam com o aspecto quantitativo do jornal, ou seja, em números de casos confirmados e dados de óbitos, quase que configurando nas capas, uma espécie de boletim informativo diário.

4.2 Do tradicionalismo aos traços criativos: *O Estado do Maranhão*

Com 61 anos de existência, o jornal fundado em 1º de maio de 1959, pelo empresário e político Alberto Aboud, sofreu diversas modificações. O ano de 1973 marcou a mudança de nome do impresso que era chamado de Jornal do Dia, para o qual se conhece hoje, como O Estado do Maranhão.

As transformações tecnológicas também ocuparam as redações de O Estado. Segundo o que consta na aba “histórico” do site do veículo. Com a alteração de nome do diário surgiu a adaptação de novos maquinários, como admissão das rotativas off-set e do sistema de composição eletrônica. [...] Antes, o processo quase artesanal dominava a confecção do jornal e a impressão era feita com placas de chumbo quente, nas quais as páginas eram montadas vagarosamente. (O ESTADO DO MARANHÃO, 2009, n.p.).

Diante dessa trajetória, o veículo foi um dos pioneiros na introdução de cor na região Norte e Nordeste. Destaca-se, que as cores eram predominantes no jornal apenas nas capas, em meados dos anos 1990, após o colorido dominou o restante da paginação e possibilitou um número amplo de tiragens.

O jornal é mantido pelo grupo político e empresarial que gravita em torno do ex-presidente José Sarney, que comandou parte da história política do Maranhão. O conglomerado possui jornal impresso, a TV, afiliada à Rede Globo, além de emissoras de rádio AM e FM.

Dessa forma, essa publicação fundada pelo escritor e político José Sarney e pelo poeta e jornalista Bandeira Tribuzi, assim como seu concorrente mais próximo O Imparcial, passou por diversas formações gráficas, mas não teve, historicamente, prática rotineira de explorar as capas-pôster (vide na Figura 10 a capa da primeira edição desse órgão diário da imprensa maranhense, em 01/05/1973).

No primeiro modelo desse diário é notório em sua ordenação visual a presença de fios e contornos que predominavam na época e a diagramação atípica do que é comum observar em traços suaves e modernos do design gráfico atualmente.

Figura 10 – Capa de O Estado do MA, na década de 70



O ESTADO DO MARANHÃO

Fundador JOSÉ SARNEY

20 PAGINAS
30 CENTAVOS
R. LUIS : 01/06/73
ANO 1 NUMERO 1

SIDERURGIA EM SÃO LUIS



BRASÍLIA 30 (Sucursal) — O Senador José Sarney (Arena-MA) acaba de revelar ao Senado que o anúncio do Presidente da República de uma meta de 20 milhões de toneladas de aço por ano para o Brasil, inclui a exploração siderúrgica imediata das reservas de ferro do Carajás e que a grande siderúrgica Brasil na costa atlântica deve ser o Maranhão.

Por outro lado o Ministro Pratinde de

INDÚSTRIA PESADA VIRÁ PARA ITAQUI

Moras, da Indústria e Comércio revelou que os estudos feitos pelo CONSIDER sobre a instalação de uma grande siderúrgica já estão bem avançados e que o Maranhão é um dos principais polos estaduais, pela excepcional infraestrutura que se construiu naquele Estado a partir de 1966, possibilitando condições para grandes projetos industriais.

No discurso pronunciado pelo Senador José Sarney o mesmo pediu não só a siderurgia mas, também, a transformação do Maranhão em grande polo industrial do Brasil, inclusive como sede da refinaria que a Petrobrás está estudando construir no Nordeste.

(Mais Siderurgia a Pág. 5, do 3.º Caderno)

Laurenço Traz Novidades



Laurenço Vianna, ex-vice-governador do Maranhão, chegou a São Luís trazendo novidades para o Estado. Ele anunciou a criação de uma secretaria de planejamento econômico, a criação de uma secretaria de turismo e a criação de uma secretaria de cultura.

Ele também anunciou a criação de uma secretaria de planejamento econômico, a criação de uma secretaria de turismo e a criação de uma secretaria de cultura.

MÍNIMO SUBIU 17%: Cr\$ 213,00 NO MARANHÃO

No Maranhão o aumento foi de 17% mas mesmo assim o salário mínimo para o nosso trabalhador continuará sendo um dos mais baixos do País.

Assim, os maranhenses que vivem à buca do mínimo salário, a partir de hoje, esta escala de salário: 7 cruzeiros e 17 centavos por dia; 89 centavos por hora ou 213 cruzeiros por mês.

ACRE, Rondônia, Roraima, Pará e Amapá — 240,00; Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba — 215,00; Recife e Olinda, 240,00 e demais municípios incluindo o Território de Fernando de Noronha, 213,00; Alagoas e Sergipe, 213,00; Minas, 312; Espírito Santo, 261,00; Estado do Rio, Guanabara e S. Paulo, 312,00; Rio Grande do Sul, 298,00; Mato Grosso, 240,00; Goiás, 240 e Distrito Federal 312,00.

Governador Chega Hoje



Chegou esta madrugada a São Luís, presidente do Rio de Janeiro acompanhado de S. Excia. esposa, Da Enezy Santana, o nosso Governador Pedro Neves, responsável por uma obra administrativa extraordinária em nosso Estado e uma dedicação sem limites à causa pública a que tem dedicado grande parte de sua vida.

No sul do país o Governador do Maranhão tratou com o Presidente do Banco do Brasil de mais recursos para financiar o desenvolvimento do seu programa rodoviário, e teve encontro com outras altas autoridades federais.

PALAVRAS DE GRATIDÃO

Estamos imensamente felizes pela graça do esforço de uma grande equipe. Muitos foram a realidade deste dia e a todos nós o nosso agradecimento que nos levou a chegar aqui até no mais importante dirigente.

O nosso livro de reconhecimento pode ser encontrado em: Editora Tribuna, grande literatura e jornalismo da cidade. São muitos. No dia 15 de março de 1973, extraído pelo jornalista responsável da administração, que trouxe parte da parte e administrativa de serviços, responsáveis para o nosso projeto. Recebido juntamente com: Benedito Pedro Mendes, Capataz, Responsável a volta da empresa; Agostinho dos Santos, engenheiro; Vitor Mendes, Técnico; Junior, Técnico; Milhorne, Carlos, Técnico; Alexandre Costa, e Luis Carlos, Técnico; Joaquim, Técnico; Vitor Cruz e Bezou Neves e Edson Vidigal a assessores. E a todos os que foram responsáveis pelo sucesso na construção da obra de engenharia e jornalismo.

Mas, a nossa mais conhecida homenagem e homenagem ao Sr. Ricardo Cabral, chefe do nosso projeto gráfico pela paixão com que se dedicou a nos ajudar, bem como a sua equipe que alcançaram hoje o resultado com o pedido e o sucesso do nosso jornal.

Ao pessoal do "Press" de Fortaleza a nossa total gratidão pela solidariedade permanente. Na pessoa do Sr. Sávio de Oliveira Damasceno e na memória de Pedro Buzato — fundador da nossa gráfica — representando os nossos agradecimentos e votos de gratidão à família e do espírito de ajuda.

Um Jornal, Uma Universidade

Um jornal deve ser uma grande universidade. A informação é, hoje, como a saúde, como a vida, um direito. Num mundo democrático é a base sem a qual é impossível construir a liberdade; é o oxigênio sem o qual ninguém respira. Sonhei ter um jornal no Maranhão, instrumento de cultura, fonte de melhoria educacional. Como Governador estava impedido de realizá-lo. Agora, ele é uma realidade. São vários anos de lutas, mas, como todos que vivi, foi uma luta apaixonada. Modernizar a imprensa maranhense, inovar em termos de artes gráficas e renovar em termos de eleváveis, dar-lhe dimensão cultural, estimular vocações novas, sonear ideias, discutir problemas. Um simpádo permanente sobre o destino de nossa vida, da vida de nosso Estado, da vida de nossa cidade, refletir e alisar do nosso grande povo.

Há quase dois anos, desembarcava em

SELEÇÃO JOGA DUAS: VOLEI

MANAUS, 1 (Do Envido Especial) — O Maranhão vai enfrentar hoje, no campeonato de volei, as representações do Rio Grande do Norte, às 15hs., e do Pará, às 22hs., no Ginásio Olímpico amazônico. Logo mais às 7hs. os maranhenses retornarão aos trens.



Fonte: Acervo, O Estado

Neste século XXI, todavia, o jornal de maior circulação no território maranhense mudou a estratégia, fazendo uso, episodicamente, de capas-cartazes, razão pela qual se incorpora ao *corpus* deste estudo com vistas a um diálogo com a mídia impressa local, em sintonia com tendências à visualidade gráfica no país, haja vista esta capa recente (de 5 de maio de 2020) e cinco décadas posterior ao início de sua circulação em 1973. Esses jornais maranhenses traduzem, para a esfera local, práticas já rotineiras em outras cidades, com farto legado.

Para traçar um paralelo comparativo da composição gráfica dessa capa de O Estado da década de 70, o Quadro 3 foi elaborado para poder elucidar a estética que compõe esse formato visual da época.

Quadro 3 – Categoriização de análise da Figura 10

Cor	A capa ainda não era colorida, então se utilizava a capa em preto e branco.
Diagramação	Observa-se a presença de contornos dispostos no layout. Linhas de contorno pretas. A disposição dos elementos visualmente está colocada de maneira a causar certa confusão estética.
Elemento visual	As fotos estão incluídas no decorrer das matérias, mas não dominam o espaço da primeira imagem, pois as imagens estão em dimensão compactadas e aparentam estar em uma dimensão quase que 3 por 4.
Elemento textual	Predominância de texto muito mais do que fotos. Fontes do texto são diversas, variadas, não configurando uma homogeneidade.

Fonte: Elaborado pela autora

É comum quando se trata de capa-cartaz a relação intrínseca com elementos criativos que fogem da rotina normal da divulgação da informação. Isso diz respeito a novas composições e códigos visuais que compõe a primeira imagem do jornal que é a capa. Ressalta-se que a criatividade ou mesmo a ousadia das capas produzidas pelos jornais nem sempre causa uma reação estética em que a recepção do público será vista positivamente.

Um desses casos foi apontado em uma das capas destacadas na linha do tempo do jornal O Estado do Maranhão². A segunda em ordem na Figura 11: “*Todas as Vidas Importam*”, datada em 05 de junho de 2020. O periódico tentou fazer a releitura de uma hastag (#) (mobilizada pelas redes sociais) referente ao movimento ativista dos Estados Unidos, em que um cidadão negro e norte-americano, denominado de George Floyd foi asfixiado por um policial branco estadunidense.

² Vale destacar que ultimamente o jornal tem mudado o nome e tem usado mais o O Estado do que O Estado do Maranhão.

Figura 11 – Capa ‘‘Todas as vidas importam’’

O ESTADO **61 ANOS**

Maranhão FUNDADOR: DOMINGOS FREITAS (1864-1934) DIRETOR DE REDAÇÃO: CLAYTON CAGLIARI

520 LAYSL, 4 de Junho de 2020 - Quinta-feira, Nº 20.873

Valor a pagar: R\$ 2,00 R\$ 4,30

#AllLivesMatter

Todas as vidas IMPORTANTAM

Homens, mulheres, negros, brancos, ricos, pobres, crianças, jovens, idosos, não importa a condição, todos têm os mesmos direitos, principalmente ao respeito e à vida.

21 mil negros assassinados em 17 anos no Maranhão (SERIAL 1)

Covid-19 matou mais que todos os assassinatos em 2019 na Ilha (CONQUI 8)

Pacientes do interior são transferidos para São Luís (CIDADES 3)

Respiradores
Governo do Maranhão tentará reaver recurso pago
POLÍTICA 3

FNE emergencial
Empresas maranhenses contrataram mais de R\$ 27 milhões
SERIAL 12

Repasse federal Maranhão recebeu R\$ 275 mi para combate à Covid-19
SERIAL 11

Crime no interior
Acusado de feminicídio é preso na cidade de Penalba
SERIAL 7

Melhor Foto MAIO
Foto: @Dolores1111

Entre os temas, o Estado elige a melhor imagem enviada por leitor via Instagram. A escolha do melhor vídeo e escolhido a foto de 301 usuário, carvalho, fotografou como deslizar de mais de 1 mil. Se quiserem parabenizar em fotos de 1 mil e Nossa Senhora de Nazaré, no Conarac. Quer participar? Sua participação no Instagram, para que a foto no seu perfil possa ser melhor e tag #MelhorFotoMAIO nos comentários.

ESTADO MARANHÃO Maranhão repassou mais de US 902 mil para compra de respiradores. POLÍTICA 3

TEMPERATURA 24°C 12°C 100%

FAZENDA DE MARANHÃO 100% 83% 100% 53%

NOTÍCIAS 247% 1.000% 1.000% 1.000%

LOTÉRIAS Confira o resultado em loterias em www.ostadodoma.com.br/loteria

INSTAGRAM | TWITTER: @oestadodoma | FACEBOOK: oestadodoma | WHATSAPP: (68) 91209-2264 (Residência) | 3315-3055 (Central de Atendimento)

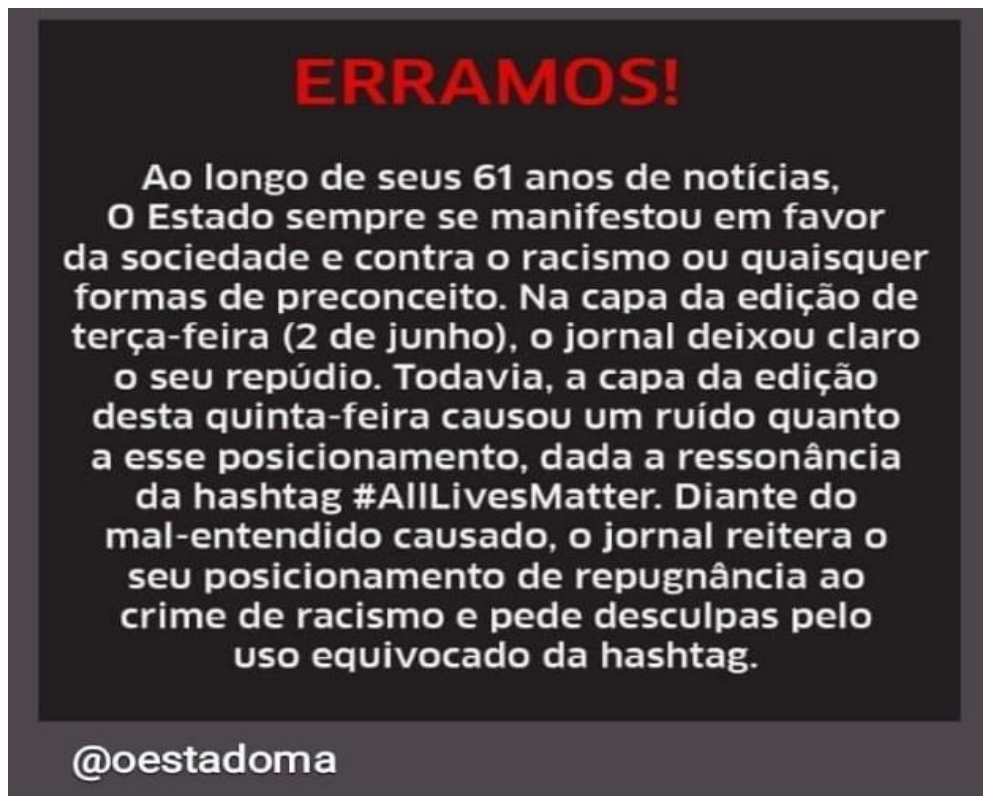
Fonte: imirante.com/oestadodoma

O caso gerou revolta mundialmente contra a atitude cruel do policial e que ocasionou revolta e comoção nas plataformas sociais. Em âmbito regional, a intenção do jornal O Estado era referenciar o lema original da hashtag do movimento: #VidasNegrasImportam para considerar uma conscientização geral sobre os casos de racismo e, também dos óbitos motivados pela Covid-19.

Diante desse caso, o que aconteceu foi uma mobilização regional contra a capa do jornal, que supostamente, segundo relatos na página do Instagram do @estadodoma, estariam generalizando um movimento que tem como lema o respeito por vidas negras mortas pelo sistema policial.

Com a repercussão negativa para a imagem do jornal, este, retratou-se e logo em seguida removeu os posts das capas e publicou uma nota de esclarecimento sobre o caso, além de destacar na capa, no dia seguinte em 06 de junho de 2020, a nota com o seguinte título: Erramos! (Figura 12)

Figura 12 – Nota de esclarecimento divulgada pelo jornal



Fonte: perfil do instagram do jornal @oestadodoma

Leva-se em consideração que o jornal agiu de forma equivocada quando unificou uma hashtag que diz respeito a um movimento negro e seus ideais. Neste caso, o discurso verbal do

veículo teve um efeito negativo aos leitores, pois à medida que desvirtuou o real propósito do ativismo negro nos Estados Unidos, causou uma celeuma na reação do público, no contexto da esfera online, no perfil do instagram do impresso, em que o recurso está imerso nas redes digitais em que o retorno do público se torna imediato e instantâneo.

Dessa forma leva-se em consideração que o jornal agiu de forma equivocada, configurando-se como um erro editorial, desmerecendo o real sentido do ativismo racial mundial.

5 METODOLOGIA VISUAL

Investigar o processo de criação e os efeitos das capas de *O Imparcial* e de *O Estado do Maranhão*, além de compreender e descrever o processo de criação na perspectiva das rotinas de diários da capital maranhense, requer procedimentos metodológicos específicos. Com o objetivo em elucidar as questões que norteiam a problematização desta pesquisa alguns percursos são necessários para compreender os questionamentos deste trabalho.

Parâmetro 1: Entende-se que, por trabalhar com o viés imagético de uma capa de jornal, é muito útil utilizar do pressuposto de Dondis (1997) de que imagens causam sentidos, e assim, tornam-se uma nova linguagem visual. Com isso, essa linguagem compõe um alfabetismo estético composto de forma, cor, textura, movimento e dinamismo nesses espaços da primeira imagem que adorna um jornal.

Parâmetro 2: Entende-se que a capa (ou primeira página) representa o invólucro em que estão inseridas as notícias, e que, de alguma forma, pleiteia o espaço nas bancas de jornais, acionando efeito estético na narrativa verbal articulada ao visual, mesmo que se tome isso de modo apriorístico sem pesquisa acerca da recepção, como é o caso desta dissertação.

É relevante perceber que as capas comunicam muito mais do que aparentam; e, nelas, estão contidas percepções de um código visual que empresta sentidos possíveis e articulam ideias, propostas, conceitos que, na maioria das vezes, coadunam com a informação incluída na matéria principal, denominada de manchete no jornalismo.

Nessa perspectiva, a concepção de uma caracterização da pesquisa é de suma importância para delinear os rumos metodológicos deste universo sobre o qual este trabalho se debruça. E o tipo de metodologia que mais se adequa a esta pesquisa é a qualitativa, porque se compreende que o intuito é entender nuances que não necessariamente são quantificáveis; assim a modalidade que mais se encaixa é a descritiva e explicativa, no propósito de tentar entender as capas como um processo de criação técnico e operacional na maneira de criar *layouts* diferenciados.

A metodologia qualitativa “atravessa disciplinas, campos e temas” e envolve o uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos. Assim, a pesquisa qualitativa caracteriza-se por ser “interpretativa, baseada em experiências, situacional e humanística”, sendo consistente com suas prioridades de singularidade e contexto. (DENSYN; LINCOLN, 2006, p. 16).

Por se tratar de uma pesquisa em que o *corpus* lida com material de produtos resultante de recursos jornalísticos, são observados os procedimentos de uma pesquisa de caráter

documental, porque se trata de elementos e de objetos que precisam de análise minuciosa e pormenorizada.

No tocante a essa questão Gil (2008) alerta para uma pequena distinção necessária que se faz entre uma linha tênue de conceituação entre a pesquisa bibliográfica e a documental, sendo esta pertinente neste trabalho.

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos ‘de primeira mão’, que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc (GIL, 2008, p. 46).

5.1 Corpus: capas de jornais

José Ferreira Júnior (2011) atesta que as capas possuem um quê informativo, mas também apresentam nuances estéticas que partem de um processo analítico, principalmente quando se entende que a capa é um tipo de página do jornal percebida como um parente próximo do cartaz.

Dondis (1997) retrata essa percepção visual na intenção de entender uma expressão imagética para além do que se enxerga na visualização desse tipo de peça gráfica.

Expandir nossa capacidade de ver significa expandir nossa capacidade de entender uma mensagem visual, e, o que é ainda mais importante, de criar uma mensagem visual. A visão envolve algo mais do que o mero fato de ver ou de que algo nos seja mostrado. É parte integrante do processo de comunicação, que abrange todas as considerações relativas às belas-artes, às artes aplicadas, à expressão subjetiva e à resposta a um objetivo funcional (DONDIS, 1997, p. 13).

Compreende dessa forma que as capas são dispositivos visuais que remetem a uma linguagem estética e que fazem parte do gênero jornalismo. Dessa forma, neste trabalho, foram escolhidas três capas de O Imparcial e de O Estado do MA para comporem algumas perspectivas analítico-operacionais do *corpus* escolhido.

A maioria das capas datam da linha do tempo do período da pandemia, entre março a agosto de 2020, porque se destaca um número significativo de capas-pôsteres que traduzem e apresentaram o momento de forma criativa e ultrapassando os limites visuais comuns às capas mais conservadoras em diversos jornais de circulação nacional ou regional. Nesse viés, delimita-se o *corpus* da pesquisa, garimpando capas desse período de pandemia da covid-19 e acendendo o olhar para capas-cartazes que dominam todo de uma página.

5.2 Delimitação do universo

Vale ressaltar que entre seis meses foram selecionadas em um universo de mais de trinta edições mensais uma ou duas capas que se tornaram relevantes para estudo desta dissertação.

Dessa forma, seis capas foram escolhidas para serem investigadas dentro desse contexto de pandemia, apontando para o olhar à luz do método sintaxe da linguagem visual e suas diversas composições gráficas que aludem a elementos estéticos significativamente produzidos e bem elaborados para apresentação do público.

Pontua-se também que o material foi obtido por intermédio de acessos à WEB, por meio de acompanhamento diário das edições dos jornais; e, assim, realiza-se a filtragem de quais capas seriam de interesse para um olhar pelo viés do alfabeto visual.

5.3 Categorização da pesquisa

Por se tratar de um *corpus* com complexidade explícita, é relevante adequar os elementos escolhidos dentro de um método indutivo que parte do particular para o geral. Desse modo, a pesquisa parte do menor para entender o maior, com o propósito de entender as relações gerais assimilando assim “... dados particulares suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal não contida nas partes examinadas e levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.86).

Com isso, o processo analítico foi pensado com base nos fundamentos da sintaxe da linguagem visual e ficou categorizado com o protocolo mostrado no Quadro 4.

Quadro 4 – Protocolo do processo analítico

Cor
Diagramação
Elemento visual
Elemento textual

Fonte: Elaborado pela autora

Esses quatro elementos acima possuem conotação com os níveis da descrição da linguagem visual, compostas também por cor, textura, estrutura e relação entre formas, como geradora de soluções gráfico-formais, bi e tridimensionais, entre outros aspectos.

A categorização serve como classificações de processos que apontam para as composições visuais presentes nas capas. Haverá, entretanto a necessidade de postular e de incluir outros parâmetros que corroboram com o processo analítico ora em curso.

A vantagem em criar esses fios construtores categorizados permite atentar a investigação visual individualmente e, dessa forma, perceber o geral como parte de um ciclo particular e detalhado em cada caso específico do material escolhido. Nas Figura 13 e 14, o *corpus* escolhido:

Figura 13 – Mosaico capas O Imparcial



Fonte: Compilação da autora²

² Disponível em: www.oimparcial.com.br. Acesso em: 15 mar. 2020

Figura 14 – Mosaico capas O Estado do MA



Fonte: Compilação da autora³

³ Disponível em: www.imirante.com/oestadodoma. Acesso em: 20 mar. 2020

6 A PANDEMIA DA COVID-19: UMA LEITURA VISUAL

6.1 A visualidade nos jornais de circulação nacional e regional

Em março de 2020, começou a surgir, na China os primeiros casos confirmados de um vírus com alto índice pandêmico. Alinhado de novo coronavírus ou mais precisamente de Covid-19, começou a chegar a países da América do Sul até chegar ao Brasil.

Por ser novidade e uma doença relativamente nova, conforme apregoaram os cientistas, reforçando também a divulgação da Organização Mundial da Saúde (OMS), a enfermidade automaticamente virou manchete dos mais variados jornais de circulação nacional.

A conjuntura mundial da pandemia do novo coronavírus espalhou um movimento excepcional de cooperação entre veículos concorrentes na América Latina. Começaram a surgir publicações de periódicos de capas idênticas com manchetes relacionadas de combate ao coronavírus.

Ressalta-se que o escopo desta pesquisa não se refere ao contexto político contemporâneo da pandemia no Brasil, porém não o desconsidera, afirmando a importância da percepção acerca da composição visual das capas dos jornais que noticiaram os fatos incômodos ao poder central, primando pela precisão durante o período da pandemia.

Veio da Espanha a inspiração dos principais jornais do país divulgarem em suas primeiras páginas uma campanha do Ministério da Saúde com a mensagem #EsteVirusLoParamosUnidos (“Este vírus pararemos unidos”). (Figura 15)

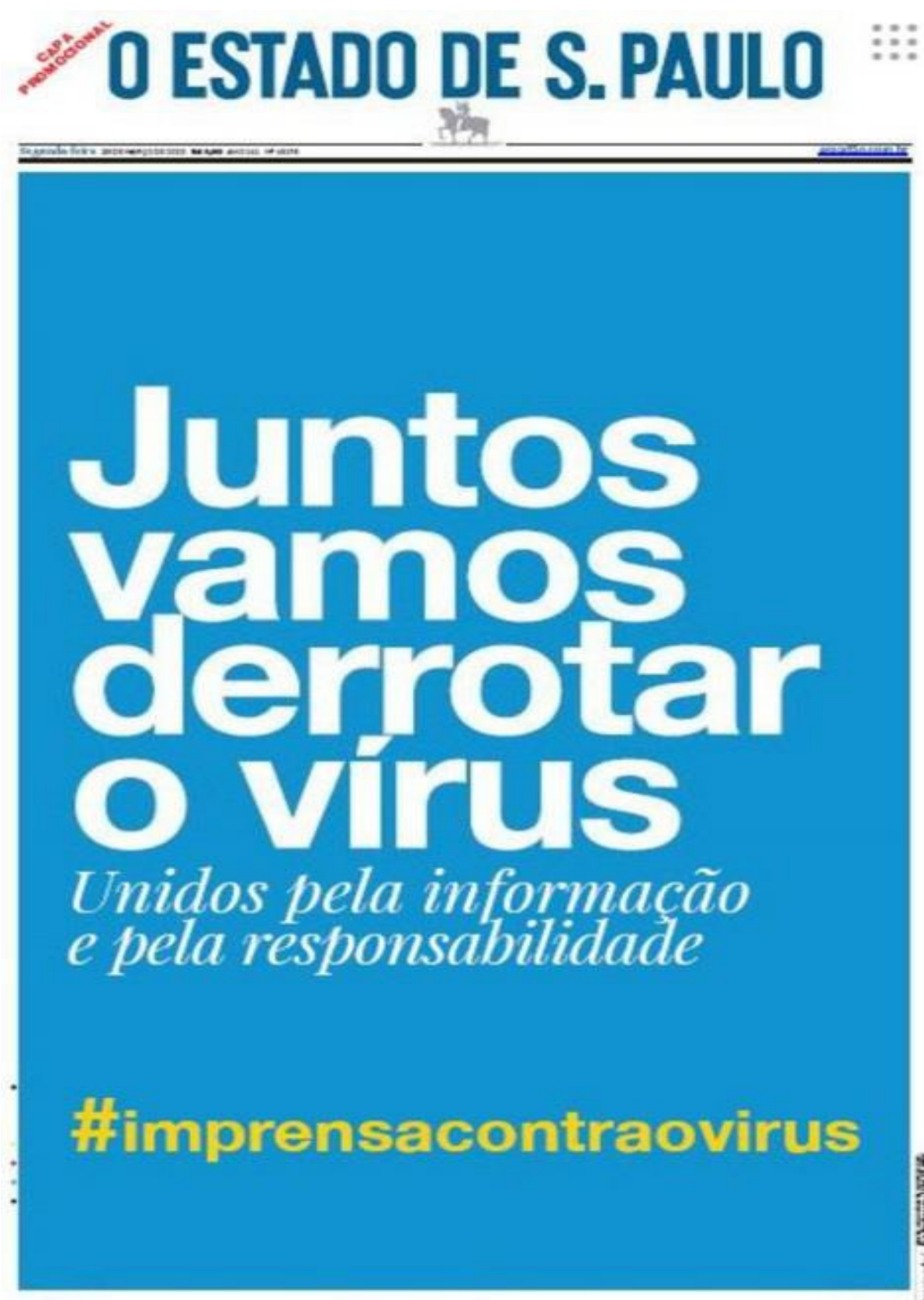
A ousadia dessas capas veio muito mais da soma de união de forças da imprensa espanhola do que traços criativos diversos. A capa da Figura 16 demonstra esse destaque. Capa neutra, sem imagens ou ilustrações e fontes textuais em letras garrafais, em caixa alta representando a urgência do momento diante da enfermidade da covid-19.

Percebe-se também o uso do recurso hashtag como um movimento de militância e conscientização oriundas das redes sociais e que tem ganhado força com esse tipo de alerta, urgência e gravidade a determinados problemas.

Figura 15 – Exemplo de periódico da Espanha



Figura 16 – Exemplo de capa unificada da imprensa brasileira



Fonte: observatoriodaimprensa.com.br

Um desses primeiros apontamentos é datado logo no começo da pandemia, ainda no mês de março em que jornais do Brasil todo, em um gesto isonômico, unificaram suas capas em favor da campanha implantada pelo Ministério da Saúde, com a hastag (#): Fique em Casa.

Vale destacar que os jornais de circulação nacional aderiram à campanha seguindo o gesto visual dos jornais internacionais, porém esse movimento de colaboração no Brasil, iniciou primeiramente no regional antes da campanha nacional, com a seguinte mensagem: *‘‘Juntos vamos derrotar o vírus: unidos pela informação e pela qualidade;* em complemento a isso dispôs também nas capas um recurso digital, que são as hastags (#imprensacontraocoronavírus), para lançar um movimento grupal e seletivo de colaboração em favor da causa.

Em seguida exemplos de capas de quatro jornais brasileiros (Estado de Minas, Extra, O Globo e O Estado de São Paulo), que produziram capas-cartazes referentes ao contexto de pandemia. Houve uma mescla do conteúdo informativo aliado à perspectiva visual, em cores que simbolizam luto e muita tristeza, fazendo referência ao momento atual.

A capa de O Estado de Minas dá destaque às citações do presidente e mescla esses discursos com uma capa em tom preto, fúnebre e sombrio intercalando com fotos do gestor nacional e da situação da população brasileira à espera de atendimento. (Figura 17) Os aspectos quantitativos fortificam a capa, como ênfase a números exorbitantes de mortes e de pessoas infectadas com a enfermidade.

O Extra em seguida evidencia a tonalidade de cor preta ainda com o aspecto de um contexto de luto (Figura 18). Utiliza a foto do presidente centralizada na página e destaca a não utilização de um dos itens essenciais para prevenção, que é a máscara de proteção facial. Assim como no Estado de Minas, o jornal elucidado neste parágrafo sublinha o quantitativo de óbitos e de infectados, sendo ambas capas-cartazes.

O Globo retrata além dos números histórias de pessoas que chegaram a vir a óbito devido à doença (Figura 19).A primeira imagem é uma capa-pôster legítima em que domina toda a capa para apresentar uma espécie de memorial de vítimas mortas pela covid. A predominância de cores é a branca com azul, os tons de azul para dar o contraste com o tom neutro do branco, sendo o azul uma alusão à marca visual do veículo.

Com um olhar ainda para esse viés o Estado de S.Paulo caminha para o idêntico aspecto de O Globo (Figura 20). O periódico ocupa a capa em espécie de epígrafe, humanizando a notícia e concedendo nomes das pessoas também mortas por complicações do novo coronavírus, vale destacar que ainda enfatiza a grandeza do numero de mortes destacando os mais de cinquenta mil mortos como título de manchete principal.

Figura 18 – Capa-pôster Extra

INFORMAÇÃO

EXTRA R\$ 1,50

extra.globo.com

SEGUNDA EDIÇÃO

19 DE JUNHO

SEGUNDA-FEIRA, 4 DE MAIO DE 2020

ANO XLIII

NÚMERO 8.105

Apresentamos a novidade do mês: o jornal EXTRA em formato de celular.

100 MIL INFECTADOS

7 MIL MORTOS



NO DIA EM QUE O BRASIL ATINGE TRISTE MARCA NO NÚMERO DE CONTAMINADOS POR CORONAVÍRUS, JAIR BOLSONARO VOLTA A DAR MAUS EXEMPLOS. SEM USAR MÁSCARA, O PRESIDENTE ATÉ PEGOU CRIANÇA NO COLO AO COMPARECER A UM ATO QUE PEDIA O FECHAMENTO DO CONGRESSO E A INTERVENÇÃO MILITAR, O QUE É INCONSTITUCIONAL. JORNALISTAS FORAM AGREDIDOS NA MANIFESTAÇÃO. **PÁGINAS 3 A 10**

Estado do Rio supera mil mortes por Covid-19 e tem 11.139 casos confirmados

Com 92% dos leitos de hospitais ocupados, ministro prevê que Rio enfrentará pior quadro em 10 dias

Crivella pensa em fechar ruas e calçadões na Zona Oeste para conter a doença

Caixa abre mais cedo para pagar os R\$ 600

Mais 2,3 milhões de beneficiários no país poderão sacar o auxílio emergencial hoje. **PÁGINA 8**

DICAS PARA ORGANIZAR A CASA

Coloque em ordem a despensa e faça uma limpeza geral

Otimize o espaço do banheiro organize as prateleiras

Separe itens para doação há muita gente precisando

Retratos da Vida

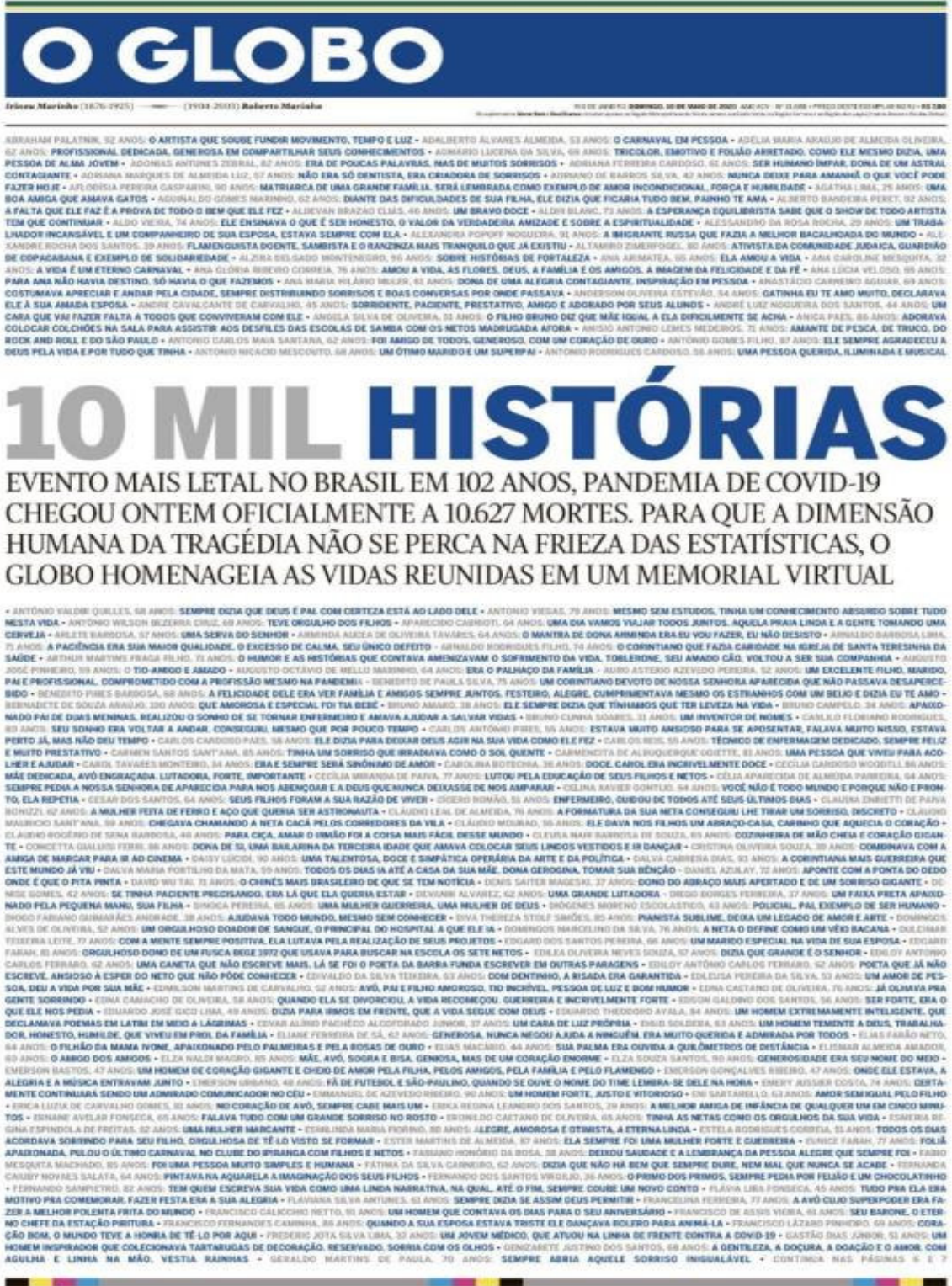
Proteção para fazer chapinha

Com medo do coronavírus, Roberto Carlos, Cartola, com fidelidade e bravura se embarcaram na live do Dia das Mães.

RJ SORTE

Se você é RJ e não quer ficar sem o prêmio máximo confira na página 2


Figura 19 – Capa-pôster o Globo



Fonte:oglobo.globo.com


Figura 20 – Capa-pôster O Estado de S.Paulo

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1809  JULIO MESQUITA 1898 - 1987

Domingo 21 DE JUNHO DE 2020 R\$ 7,00 ANO 141 Nº 46268 estado.com.br

50.058 MORTOS

17 DE MARÇO 1ª MORTE.  Cada ponto nesta página representa uma vida perdida nas últimas 14 semanas

18 A 24 DE MARÇO **45 MORTES**. O governo de São Paulo anuncia quarentena com fechamento do comércio e serviços não essenciais. Manifestações religiosas não são recomendadas. Parques são fechados.

25 A 31 DE MARÇO **155 MORTES**. O número de hospitalizados com síndrome respiratória aguda grave atinge cerca de 2.250 casos em uma semana, coincidindo com a chegada do novo coronavírus.

1 A 7 DE ABRIL **466 MORTES**. Hospital de Campanha construído no estádio do Pacaembu começa a receber pacientes de média e baixa complexidade. São 200 leitos divididos por dez enfermarias.

8 A 14 DE ABRIL **965 MORTES**. A chegada da epidemia nas comunidades começa a se desenhar no Rio de Janeiro. Rocinha, Manguinhos, Maré e Vigário Geral somam 23 casos registrados da doença.

15 A 21 DE ABRIL **1.209 MORTES**. O aumento de enterros em Manaus exige o uso de valas coletivas, que se tornam uma das imagens mais dramáticas dos efeitos da covid-19 na região amazônica.

22 A 28 DE ABRIL **2.276 MORTES**. Plano emergencial para o serviço funerário da Prefeitura de São Paulo prevê a abertura de 13 mil covas. E os casos de covid-19 deixam de ter um vetório comum.

29 DE ABRIL A 5 DE MAIO **2.904 MORTES**. Decreto estadual torna obrigatório o uso de máscaras por todos os cidadãos que saírem às ruas em São Paulo. A fiscalização fica a cargo das 645 prefeituras.

6 A 12 DE MAIO **4.479 MORTES**. Após o fracasso dos bloqueios viários, a Prefeitura de SP adota novo rodízio de carros, que passa a valer em toda a capital o dia todo e fins de semana.

13 A 19 DE MAIO **5.008 MORTES**. Nos EUA, a empresa de biotecnologia Moderna, em parceria com o Instituto Nacional de Alergia e Doenças Infecciosas, anuncia testes preliminares positivos.

20 A 26 DE MAIO **7.104 MORTES**. A emergência nacional de saúde, social e econômica causada pela pandemia cria uma onda de solidariedade que resulta em mais de R\$ 5 bilhões em doações.

27 DE MAIO A 2 DE JUNHO **6.687 MORTES**. Brasil se consolida como o país com o maior número diário de óbitos, superando os EUA, e já é o segundo colocado no planeta no acumulado de infecções.


3 A 9 DE JUNHO **7.296 MORTES**. A vacina da Universidade de Oxford, no Reino Unido, será testada no Brasil, em pelo menos 2 mil voluntários, no estudo mais promissor e avançado em busca da cura.

10 A 16 DE JUNHO **6.959 MORTES**. São Paulo permite a reabertura, com restrições, de concessionárias e imobiliárias em junho e, em seguida, escritórios e lojas de rua. E o plano para a saída da quarentena.

17 A 20 DE JUNHO **4.602 MORTES**. Além apenas dos EUA, Brasil registra um milhão de casos e a marca de 50 mil mortos, informa consórcio da imprensa que reúne Estadão, G1, O Globo, Extra, Folha e UOL.

PAÍS BATE TRISTE MARCA E TEM ESCALADA DE CASOS

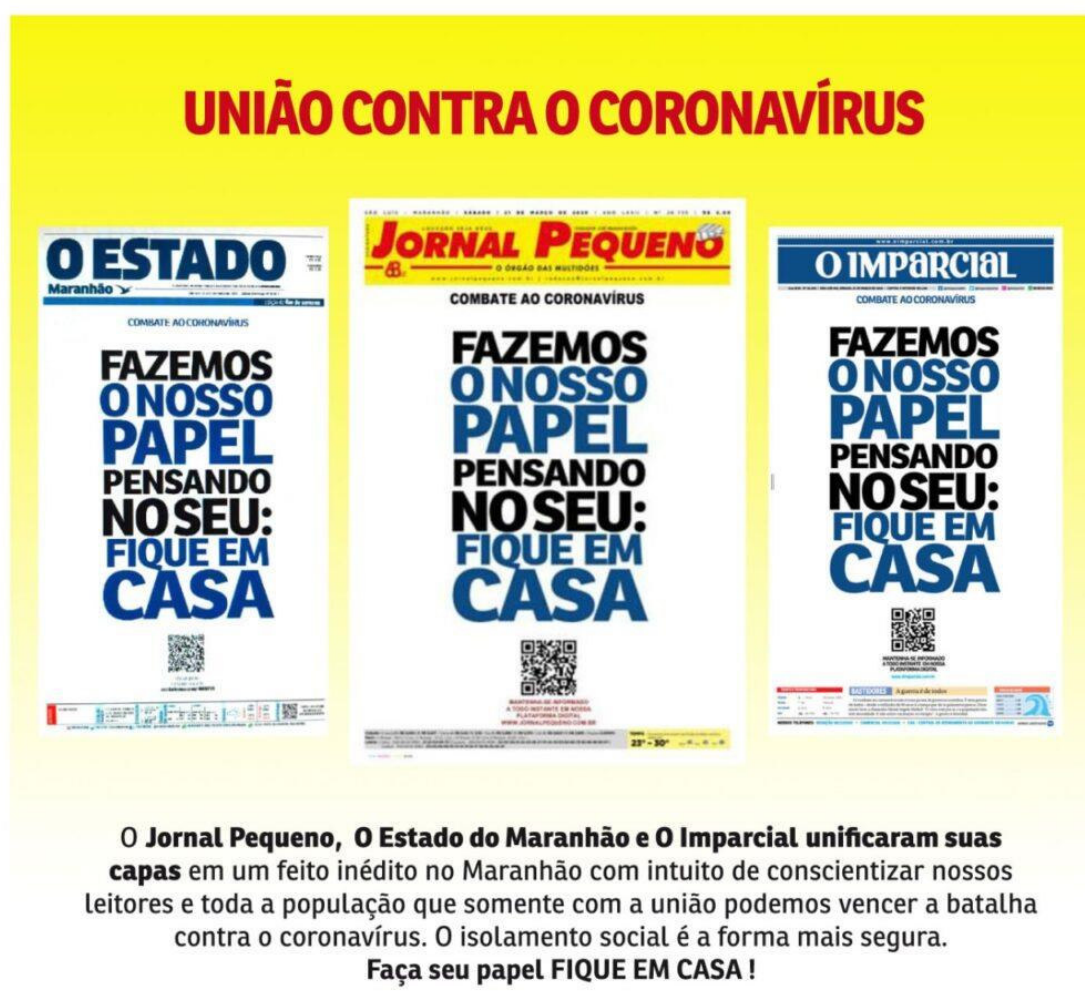
O Brasil superou neste final de semana o patamar das 50 mil mortes em decorrência da covid-19, segundo o consórcio da imprensa. Muito mais do que uma mórbida estatística, essa marca **carrega o luto e a dor de milhares de famílias** que sequer tiveram a oportunidade de se despedir de seus entes. Também simboliza a **inépcia** do País no enfrentamento da pandemia. METROPÓLE/PÁG. A15

<p>PRISÃO DE QUEIROZ VAI ORIENTAR PRIMEIRA DENÚNCIA</p> <p><small>POLÍTICA/PÁG. A4</small></p>	<p>WEINTRAUB VIAJA AOS EUA ANTES DE SER EXONERADO</p> <p><small>POLÍTICA/PÁG. A11</small></p>	<p>SETOR DO AGRO TEME PREJUÍZO COM IMAGEM NEGATIVA</p> <p><small>ECONOMIA/PÁG. B1</small></p>	<p style="text-align: center;">NOTAS & INFORMAÇÕES</p> <p>Lições de uma tragédia</p> <p>A melhor forma de honrar a memória dos mais de 50 mil mortos em decorrência da covid-19 é tornar o Brasil um país menos desigual e mais fraterno. Em suma, um lugar melhor para se viver. PÁG. A3</p>	<p>ARTISTAS CRITICAM NOMEAÇÃO DE FRIAS NA CULTURA</p> <p><small>NA QUARENTENA/PÁG. H2</small></p>	<p>Tempo em SP 13ª 19h, 28ª 19h.</p> <p>MISTO</p> <p>Recicla-se 100% do papel e 100% do plástico</p> <p>FISP 0119288</p> 
---	--	--	--	--	---

A Associação Nacional de Jornais (ANJ) planejou uma ação igual para a segunda-feira, 23 de março, já as ações estaduais ocorreram na sexta, 20, no Piauí, e no domingo, 22, no Maranhão e Paraná, no ano de 2020.

A imprensa maranhense homogeneizou a primeira imagem de capa dos três principais periódicos do estado, na edição de 21 de março de 2020; são eles: O Imparcial, O Estado do MA e o Jornal Pequeno.(Figura 21) A frase estampada nos três representavam a união do movimento e um alerta para permanecer no isolamento social: *“Fazemos o nosso papel pensando no seu: Fique em Casa”*.

Figura 21 – Capas unificada dos jornais maranhenses



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/03/jornais-do-maranhao-unificam-suas-capas-em-combate-contr-o-coronavirus.shtml>

A capa da Figura 22 data de maio de 2020 é do jornal O Paraná e destaca um alerta para que a população fique em casa. O layout traz uma diagramação em capa-cartaz com ilustração central do genoma do vírus, que domina toda a primeira imagem, com ênfase para um x em cima do ícone do vírus, que remete ao texto principal do “Fique em Casa que ele vai embora”, uma alusão ao não sair de casa e sofrer contaminações.

Figura 22 – Capa do jornal O Paraná alertando para ficar em casa



Fonte: oparana.com.br

6.2 As capas-pôster e as influências externas

Nas décadas de 1950 e 1960, os veículos impressos começaram a vislumbrar uma mudança gráfica e editoriais nas redações. Contudo foi na década de 1990 que os diários começaram a consolidar projetos de visualidade grafo-visuais com a exploração das potencialidades da policromia, segundo constatou José Ferreira Júnior.

Os anos 1990 marcam em definitivo a informatização das redações, que no caso brasileiro já vinha ocorrendo desde a década anterior nos grandes centros urbanos. Dessa forma, aumentam as possibilidades de utilizar recursos gráfico-visuais, e os jornais se tornam, pelo menos no que tange ao uso das cores, cada vez mais parecidos com as revistas e a televisão, incluindo-se os mais conservadores nos novos padrões de apresentação visual [...] (FERREIRA JUNIOR, 2011, p. 78).

Neste período os ventos de mudança modificaram o próprio ambiente de trabalho das redações, sem contar, as outras modificações produzidas no seio da concepção do conteúdo informativo e das várias reformulações gráficas que alteraram a forma como as notícias deveriam ser apresentadas aos leitores.

Em meados da década de 1950, a inovação começa a saltar aos olhos de quem passa a ler o jornal não apenas verbalmente, mas visualmente. Conforme atesta Juarez Bahia (1990), houve uma revolução gráfica na imprensa que alterou os paradigmas dos recursos vigentes no país na época supracitada.

Em 1956, o modelo do velho jornal diário, pesado e feio, de linguagem rebuscada, quase ilegível e pouco atraente, seccionado em colunas por fios verticais e outros adereços, parece definitivamente esgotado. [...] surge um novo conceito de notícias e um novo design que retificam padrões editoriais e gráficos tradicionais no jornalismo diário e introduzem concepções de estilo formalmente em choque com as práticas vigentes no país (BAHIA, 1990, p.378).

As mudanças de paradigma constatadas nas palavras do autor acima revelam a consolidação em tempos atuais das novas práticas visuais e operacional do jornalismo impresso contemporâneo. Um exemplo disso aconteceu quando do acidente que vitimou atletas do clube de futebol Chapecoense, em 2016, além de jornalistas, dirigentes esportivos, tripulantes e comissários de bordo. Houve uma consternação nacional em razão da queda do avião que transportava a equipe para a final da Copa Sul-Americana em Medellín, Colômbia. A tragédia ocupou a capa do *Correio Brasiliense*, sendo o único assunto da primeira página daquele jornal. (Figura 23)

Figura 23 – Capa Correio Braziliense



Fonte: www.correio braziliense.com.br

A Figura 23 se justifica pelo fato de o ocorrido ter impactado de maneira muito forte o país, algo que agenciou uma estratégia com poética visual no jornal da capital da República. O modelo editorial é simples: desde o final do século XX, o Correio Braziliense foca na capa e no primeiro caderno, de modo exclusivo ou quase isso um tema proeminente, deixando outras notícias, mais corriqueiras do cotidiano, em segundo plano. (ver Quadro 5)

Quadro 5 – Categorização de análise da Figura 23

Cor	Preto como pano de fundo, representando simbolicamente a morte, o luto, a dor.
Diagramação	É uma capa-pôster, pois o conteúdo visual domina o todo da primeira imagem. Há uma uniformidade estética.
Elemento visual	Utiliza um estilo vetorizado que representa os torcedores dos diversos times de futebol brasileiro unidos e observando a constelação estrelar que simbolicamente indica as vítimas do acidente, com a logo do time da Chapecoense. Contorno branco apenas nas três imagens utilizadas.
Elemento textual	Tom poético e com a permuta da narrativa jornalística do fato que compõe as imagens da tragédia.

Fonte: Elaborado pela autora

Em relação a essa perspectiva da reformulação gráfica para o campo regional da imprensa maranhense, O Imparcial, por exemplo, deu início a esta renovação nos anos 1990, com a aquisição de máquinas de impressão em policromia cuja utilização teve modelagem inspirada no Correio Braziliense, coirmão oriundo do antigo Diários Associados.

A modificação estrutural de uma redação e do maquinário de uma empresa jornalística é parte de um processo focado na produção informativa, e que existem por etapas de construção da capa de um jornal, que ainda passam pelas fases da criação, revisão, edição e publicação, elementos do processo criador.

O jornal Extra tem adotado durante este período diversas capas criativas que engrossam e alertam o teor do momento, e o campo visual tem retratado essa questão em várias composições gráficas. De duas capas, a primeira uma imagem mais realística (Figura 24), pois abusa do uso imagético da fotografia, mas explora o criativismo no discurso textual.; a segunda retrata uma diagramação usual em vários outros jornais (Figura 25), que é o memorial de óbitos em destaque para as estatísticas e vetorização de bonecos que representam a população.

Figura 24 – Capa Extra ‘‘200 mil mortes’’



Figura 25 – Capa Extra ‘2.165 vidas perdidas’



Fonte: extra.globo.com

6.3 Categorização das capas

Esta pesquisa possui seis *corpus* de análise de ambos os jornais que se propõe a elucidar neste trabalho, que são: O Imparcial (Figuras 26, 27 e 28) e O Estado Maranhão (Figuras 29, 30 e 31). O critério de escolha das capas deu-se conforme a esfera visual que se debruçou a olhar e informar o contexto pandêmico atual. As ilustrações dos periódicos datam do começo da pandemia em março a agosto de 2020.

Paralelo a isso, as capas de *O Imparcial* destacaram a questão quantitativa de óbitos causados pela covid-19, enquanto *O Estado Maranhão* enfatizou um discurso visual de meia-capa e com o teor social relativo à questão da pandemia. Abaixo um quadro que especifica as capas de cada veículo de comunicação, com datas, e título da manchete, além da predominância das cores que prevalecem em cada uma.

Quadro 6 – Capas de cada veículo de comunicação

Nome do diário	Data	Título da manchete	Prevalência de cores
O Imparcial 1	3 de junho de 2020	“Não são números”	Branco e preto
O Imparcial 2	1º de julho de 2020	“Em menos de um mês o Maranhão dobra o número de mortes”	Branco
O Imparcial 3	15 de julho de 2020	“Mais de 100 mil infectados em 100 dias”	Azul
O Estado do Maranhão 1	5 de maio de 2020	“É bloqueio total a partir de hoje na grande São Luís”	Preto e branco
O Estado do Maranhão 2	4 de junho de 2020	#AllLivesMatter “Todas as vidas importam”	Preto
O Estado do Maranhão 3	5 de junho de 2020	“Não consigo respirar”	Preto

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 26 – Capa O Imparcial 1

www.oimparcial.com.br

O IMPARCIAL

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000, 1001, 1002, 1003, 1004, 1005, 1006, 1007, 1008, 1009, 1010, 1011, 1012, 1013, 1014, 1015, 1016, 1017, 1018, 1019, 1020, 1021, 1022, 1023, 1024, 1025, 1026, 1027, 1028 ...

SÃO VIDAS PERDIDAS

Maranhão ultrapassa a barreira de mil mortes pela covid-19 | PÁGINA 2

TEMPO E TEMPERATURA			BASTIDORES		Tudo em um só lugar	
Tempo	8 - 16°C	Chuvas: 95%	Um coquetel explosivo		Tudo em um só lugar	
Umidade	75%	28km/h	Na madrugada em que as ruas se branqueiam e a cidade se transforma a favor e contra o presidente Jair Bolsonaro, um brasileiro corre risco a cada de hora e tenta encontrar alternativas políticas ao tombo da conjuntura do Brasil.		Tudo em um só lugar	
Velocidade	4 a 10 km/h	4 km/h			Tudo em um só lugar	
UV	2 a 10 km/h	2 a 10 km/h			Tudo em um só lugar	

ENDERGO TELEFONES: REGIÃO RECÔNCAVA • COMERCIAL RECÔNCAVA • CEM - CENTRO DE ATENDIMENTO AO ASSOCIADO RECÔNCAVA

Fonte: oimparcial.com.br

Figura 27 – Capa O Imparcial 2



3 de junho

NÃO SÃO NÚMEROS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000

SÃO VIDAS PERDIDAS

Maranhão ultrapassa a barreira de mil mortes pela covid-19

Em menos de um mês, o Maranhão dobra o número de mortes

Ha apenas 29 dias, O Imparcial anunciava que o Maranhão ultrapassara a marca de mil mortes em decorrência do Coronavírus. Desde esse dia até hoje, o Estado registrou outras mil mortes, ultrapassando o número de dias em que pessoas que perderam a vida. Média de óbitos no mês de junho foi maior que o dobro dos últimos meses.

PÁGINA 3

<p>TEMPO E TEMPERATURA</p> <p>Chuva: 0% - 10mm / Chuvoso: 30%</p> <p>Vento: 4 km/h / 10km/h</p> <p>Umidade: 45% / 70%</p> <p>Sol: ☁️ 05/06 / ☁️ 17/06</p>	<p>BASTIDORES A marcha da Uberização</p> <p>Se não bastasse o desmonte dos programas sociais no Brasil que serviam de colchão para a crise crônica que distancia cada vez mais os milhões de pobres das centenas de ricos, a legislação trabalhista também tem sido atacada a cada tentativa de "reforma".</p>	<p>TARIFA DE INFRA</p> <p>QUA 01/07/2020</p> <p>09:00 - 0,00</p> <p>09:00 - 0,00</p> <p>09:00 - 0,00</p> <p>09:00 - 0,00</p>
--	---	---

NOSSOS TELEFONES: REDAÇÃO 912320262 • COMERCIAL 912351624 • CAA - CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE 912445645

Figura 28 – Capa O Imparcial 3

www.oimparcial.com.br

O IMPARCIAL

Ano XCIV Nº 36.133 - SÃO LUIS-MA, QUARTA-FEIRA, 13 DE JULHO DE 2020 - CAPITAL E INTERIOR R\$ 2,00 @OimparcialMA @imparcialma @imparcial 983222-0462

Covid-19 no Maranhão

Mais de 100 mil infectados em 100 dias

Desde o dia 19 de março, quando foi registrado o primeiro caso do novo coronavírus no Maranhão e após uma série de medidas tomadas para conter a pandemia, hoje, o Estado ultrapassou a marca de 100 mil casos, chegando ao total de 101.467. Nos últimos 100 dias foram registrados, em média, mais de mil casos. Por outro lado, o número de curados ultrapassa 80 mil pacientes.

PÁGINA 3

TEMPO E TEMPERATURA			BASTIDORES		TÁBUA DE MARÉ	
Chuva	• 15mm	Chances: 90%	O partidão sarneísta		QUA 15/07/2020	
Vento	• NE	24km/h	Para começo de conversa, é bom que fique claro: o título acima não tem nada a ver com o Partidão, apelido do PCdoB do governador Flávio Dino. Muito menos faz qualquer associação ou insinuação de que o ex-presidente José Sarney, que deu origem ao sarneísmo, esteja querendo encerrar sua história política, engajado no Partidão, que está batendo os 100 anos de fundação, com sua história mais marcante no Maranhão.		04:01 0,3M	
Umidade	• 51%	• 78%			12:01 0,3M	
Sol	☀ 05:00h	☁ 17:55h			18:01 0,7M	
					23:02 0,9M	

NOSSOS TELEFONES: REDAÇÃO 982328282 • COMERCIAL 991515124 • CAA - CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE 991445645 QUARAS ASSOCIADAS

Fonte: oimparcial.com.br

Figura 29 – O Estado do Maranhão 1

O ESTADO **61 ANOS**

Maranhão

FUNDADORES: SARKISHA, TRILIZI E JOSÉ SARNEY
 DIRETOR DE REDAÇÃO: CLOVIS CABRAL
 São Luís, 5 de maio de 2020 Terça-feira, Nº 20.853

Cadastre-se aqui R\$ 2,00
 Descubra mais R\$ 4,00

EFEITO DA PANDEMIA

É BLOQUEIO TOTAL A PARTIR DE HOJE NA GRANDE SÃO LUÍS

LOCKDOWN

Medida visa conter o aumento de casos da Covid-19 e aliviar leitos hospitalares, principalmente de UTIs, nos municípios de São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar.

Saiba como vai funcionar o lockdown na Ilha

Confira a opinião de especialistas de áreas diversas

Supermercados vão funcionar durante lockdown

ESTADO MAIOR O comentário de José Sarney sobre o papel das Forças Armadas. **POLÍTICA 3**

TEMPO EM SÃO LUÍS 22°C 25°C 15% CHUVA

TABUAS DE MARES MARE BAIXA 12:27 3,36 2,94 MARE ALTA 15:01 4,18 4,26

COTIAÇÕES DÓLAR 1,053 EURO 0,709 REAL 0,277

LOTÉRIAS Confira o resultado das loterias em oestadoma.com/483893

INSTAGRAM | TWITTER: @oestadoma | FACEBOOK: /jornaloestadoma | WHATSAPP: (98) 99209-2564 (Redação) | 3215-5655 (Central de Atendimento)

Fonte: imirante.com/oestadodoma

Figura 30 – O Estado do Maranhão 2

O ESTADO 61 ANOS

Maranhão FUNDADOR: DOMINGOS FREITAS E JOSÉ MARINHO DIRETOR DE REDAÇÃO: CLOVIS CABRAL

540 LATA, 4 DE JUNHO DE 2020 - QUINTA-FEIRA, Nº 20873

DIÁRIO: R\$ 2,00 SEMANA: R\$ 10,00 MÊS: R\$ 30,00 ANO: R\$ 360,00

#AllLivesMatter

Todas as vidas IMPORTAM

Homens, mulheres, negros, brancos, ricos, pobres, crianças, jovens, idosos, não importa a condição, todos têm os mesmos direitos, principalmente ao respeito e à vida.

21 mil negros assassinados em 17 anos no Maranhão

CRIMES 1

Covid-19 matou mais que todos os assassinatos em 2019 na Ilha

CRIMES 2

Pacientes do interior são transferidos para São Luís

CRIMES 3

Respiradores

Governo do Maranhão tentará reaver recurso pago

MATUTINA

Meio de Maio

Meio de Maio

Meio de Maio

Repasse federal

Maranhão recebeu R\$ 275 mi para combate à Covid-19

NOITE

FNE emergencial

Empresas maranhenses contrataram mais de R\$ 27 milhões

CRIMES 2

Crime no interior

Acusado de feminicídio é preso na cidade de Penalva

CRIMES 1

ESTRUCO MAIOR

Maranhão repassou mais de US 902 mil para compra de respiradores. [NOTÍCIA](#)

TEMPORAMA

24°C
21°C
20°C

Do 2 de junho de hoje até amanhã, previsão de chuva é baixa e vento.

FAVIA DE MARINHO

FAVIA DE MARINHO
200 - 420 - 800 - 500

CONDIÇÕES

24%
DCLAN
R\$ 11,1

LOTÉRIAS

100%
BOM
R\$ 1,1

Centro o resultado em função em www.oestado.com.br/61

[INSTAGRAM](#) [TWITTER](#) [FACEBOOK](#) [WHATSAPP](#)

Figura 31 – O Estado do Maranhão 3

AL promulga lei que suspende parcelas de empréstimos consignados
 Com promulgação da proposta de Adriano Sarney e Helena Duailibe, instituições financeiras são obrigadas a aplicá-la. PAULINA

O ESTADO **61 ANOS**

Maranhão ALVARO DE LIMA JUNIOR / TIBURCIO JOSÉ SARNEY
 DIRETOR DE REDAÇÃO CLAYTON CAGLIARI

São Luís, 5 de junho de 2020 - Sexta-feira, Nº 20.878

Valor de venda
 R\$ 2,00
 Valor de assinatura
 R\$ 4,00

“NÃO CONSIGO RESPIRAR”

Frase de George Floyd suplicando a policial para não morrer e que ressoou em protestos realizados em todo o mundo, foi lembrada ontem, durante funeral em Minneapolis. ANDRÉ



ERRAMOS

A dinâmica do mundo nunca foi tão ágil em sua construção e reconstrução de valores e ideais. A manufatura de conceitos e expressões, hoje, caminha de acordo com um tempo que já não cabe mais no calendário, muito menos em compêndios linguísticos. Vai muito além do #gn.

Ao pedir desculpas aos leitores, sobretudo a quem se sentiu ofendido pela manchete “Todas as vidas importam”, O Estado ressalta que errou no uso de uma hashtag que direcionou ao inverso da intenção do jornal. A frase, já usada tantas vezes em seu sentido literal, hoje expressa exatamente o contrário do que diz. Houve a falta no uso da expressão, por isso o reconhecimento do equívoco.

O Estado reitera que, em sua trajetória de 61 anos e mais de 20 mil edições, sempre se pautou pela defesa da igualdade de direitos entre os cidadãos, mantendo-se atento com as questões sociais do Maranhão, do Brasil e do mundo.

Covid-19
Avanço preocupa e sobrecarrega equipes de saúde
ANDRÉ

Buritcupu
390 quilos de maconha apreendidos durante operação
ANDRÉ

Rio Anil sufocado pela poluição ambiental

Em meio à comemoração pelo Dia Meio Ambiente, nesta sexta-feira, 5, a realidade de degradação ambiental continua ocorrendo na Grande Ita, por falta de conscientização da população Maranhão-depotista sobre a água que produz. ANDRÉ

Consumo
Comércio registra boas vendas na volta das atividades
ANDRÉ

2ª safra
Produção de milho no Maranhão é avaliada de forma virtual
ANDRÉ

ESTADO MARANHÃO Não há estudos que comprovem efeitos práticos do lockdown na Grande Ita. PAULINA

TEMPO MARANHÃO Se não houver chuva durante o dia, previsão de sol, com leve brisa de Sudoeste. ANDRÉ

TABELA DE CAMBIO

WALL STREETS	NYSE DAX	NYSE NYSE
10000	15000	15000
10000	15000	15000

COTACÕES

DÓLAR	EURO
5,10	7,10
5,10	7,10

LOTERIAS Confira o resultado das loterias em www.inec.com.br/loteria

INSTAGRAM | TWITTER @oestadoma | FACEBOOK /oestadoma | WHATSAPP (66) 99209-2564 (São Luís) | (66) 99209-2564 (Centro de Atendimento)

Fonte: imirante.com/oestadodoma

6.4 Análise e Resultados

As primeiras imagens que este trabalho se propõe a elucidar partem de uma premissa de que a escolha do *corpus* faz parte do que no jornalismo é conhecido como capas-pôsteres ou capas-cartazes. Sendo assim, as manchetes dos jornais retrataram a pandemia ocupando a quase totalidade das capas em suas edições no ano de 2020.

“Não são números. São vidas perdidas”, essa é o título que caracteriza a versão de O Imparcial do dia 03 de junho do ano passado (Figura 26). A capa não traz em sua composição nenhuma imagem fotográfica que remeta à realidade de casos de morte, mas evidencia uma ilustração em formato quantitativo e em números dispostos de que não são apenas estatísticas, mas complementa ao final da capa: “são vidas perdidas”. Pode-se destacar a harmonia do discurso textual com o teor visual em um reforço conjunto para alertar sobre o aumento de casos no Maranhão.

Cores não atrativas, como o branco em pano de fundo e o preto como cor da fonte garrafal do título denota seriedade e morbidez sobre a urgência do tema divulgado. Logo abaixo, o veículo disponibiliza uma frase informando que “O Maranhão ultrapassa a barreira de mil mortes pela covid-19”. Observa-se que esse formato de capa tem sido adotado em outros diários nacionais como O Estado de S. Paulo, na edição de 21 de junho de 2020.

Nessa mesma linha gráfica, O Imparcial em 1º de julho de 2020 (Figura 27) produz uma capa da capa, isso significa que traça a intertextualidade visual, em que faz alusão à capa do dia 03 de junho. Na manchete: “Em menos de um mês o Maranhão dobra o número de mortes”. A edição do mês de julho produz um paralelo com a do mês passado reforçando o aumento dos casos, porém sem detalhar, do modo da capa anterior, o quantitativo de óbitos.

Quanto ao quesito visual, que é o propósito desta análise, não distingue da prevalência de cores da edição do mês passado (junho), percebe-se a idêntica adoção de cores, como o branco em pano de fundo e as cores em tons de preto, demonstrando frieza e luto em sua composição grafo-visual, em que não utiliza recursos fotográficos, gráficos ou elementos visuais mais sofisticados, pode-se dizer que é uma capa simples e em cores neutras.

Quinze dias depois a edição “Mais de 100 mil infectados em 100 dias” revela uma primeira imagem visualmente elaborada, isso se reafirma na mudança da cor branca e preta para um pano de fundo azul claro com elementos icônicos, como os traços do genoma do novo coronavírus. (Figura 28) Os recursos adotados dizem respeito às capas de revistas que passam por um processo visual atrativo, enxuto e homogêneo.

As três capas de O Imparcial visualmente são criativas e se coadunam com o teor textual que as notícias se propõem, mas na exposição de cores e da diagramação permanecem uma linearidade de tons como o branco e o preto que dominam a maior parte do espaço dos seus exemplares. Outro detalhe é que o veículo alerta para aspectos quantitativos, refletindo nos exorbitantes números de casos relativos à doença, ou seja, percebe-se uma preocupação em informar de modo visual e chamar a atenção para estatísticas desse contexto pandêmico.

O Estado Maranhão adotou o mesmo viés de informar com criatividade, apesar de que *a priori* utilizou composições visuais mais tímidas que O Imparcial. Um dos primeiros registros aparece na edição de 05 de maio de 2020, quando a Justiça determinou bloqueio total de locomoção na grande região metropolitana de São Luís (Figura 29).

Com o título: “É bloqueio total a partir de hoje na grande São Luís”, o periódico optou por uma chamada fora do comum, sem aspectos fotográficos, e adequou-se a ilustrações, como o nome LOCKDOWN, sendo cada letra distribuída em várias telas de celular, uma maneira de mencionar o digital dentro do analógico, do tangível e do impresso que é o formato tradicional do veículo.

Caracterizada como uma capa-pôster, o diário utilizou fontes negritadas em cores vermelhas para destacar pequenos títulos que dispôs nas partes superiores e inferiores da capa. Percebem-se mais recursos textuais que imagéticos ou mesmo ilustrativos em torno da primeira imagem.

Em 4 de junho de 2020, a capa intitulada de #AllLivesMatter “Todas as vidas importam” causou polêmica em internautas nas redes sociais, como mencionado em capítulos anteriores, mas atenta-se neste tópico a configuração visual como recurso de uma meia capa-pôster (Figura 30).

O jornal trouxe um mosaico de fotos em preto e branco (P&B), com diferentes pessoas etnicamente distintas e em faixa etária diversa, com o intuito em fazer uma alusão à importância de vidas perdidas para a covid-19 e pelo racismo, mesclando com dados quantitativos de óbitos em todo o país.

A capa da edição seguinte (5 de junho de 2020), “Não consigo respirar” traz um texto “ERRAMOS”, esclarecendo o erro da capa anterior, que gerou grande repercussão negativa nas mídias sociais (Figura 31). Em sua composição gráfica traz uma mão aberta em cor preta e pano de fundo branco relatando um acontecimento internacional sobre caso de racismo, que gerou revolta no mundo todo, um fato extra que saiu das manchetes que remetem apenas à pandemia, e diz respeito a uma narrativa de uma capa da edição temporal anterior do diário.

Diferente de O Imparcial, O Estado produz uma diagramação retraída e com ínfimos elementos visuais em sua composição, mas não deixa de ser criativa e distinta. Pontos visuais em comuns, como cores iguais adotadas e fontes garrafais em negrito unem as composições visuais dos dois periódicos.

Vale ressaltar que as diferenciações compositivas dos jornais é resultado de uma narrativa visual contínua de ambos. O Imparcial como dito em outros tópicos é o diário referência em capas-cartazes, pois entre os jornais maranhenses é o que predominantemente possui significativas influências externas das capas nacionais.

Discursos e provocações políticas, trocadilhos e elementos visuais ousados fizeram parte mais veementemente das capas dos periódicos nacionais, aspectos que não foram incorporados aos jornais regionais. Os locais como os dois impressos propostos aqui, abraçaram um viés conscientizador, quantitativo e de alerta sobre a temática, isso se encontra quando da utilização das cores frias e enlutadas, além dos títulos em caráter numeral.

Há de se levar em consideração que a sofisticação dessas capas nem sempre configura uma reportagem completa sobre o que está sendo divulgado, o que se percebe nesse caso, no O Imparcial e no O Estado é certa timidez de conteúdo nas notícias detalhadas, em contradição com as capas bem-feitas e esteticamente bem produzidas.

6.5 Análise verbal

Os dois impressos estudados nesta pesquisa trabalharam com a linha editorial em alertar a população, informar estatisticamente sobre o número de óbitos e aliar outras pautas, para além da pandemia da covid-19, como é o caso de O Estado.

Como dito neste trabalho forma e conteúdo andam juntos e estão em sincronia, sobre esta temática O Imparcial conseguiu combinar o discurso mórbido e com o teor noticioso de luto com as cores pertinentes que simbolizam o momento pandêmico. Isso foi retratado muito mais com ilustrações e vetorizações, recursos do design-gráfico.

Por outro lado, O Estado para apontar a imagem do seu discurso informativo fez isso sem fugir da fotografia e das imagens reais, entre as três capas apenas uma utilizou da ilustração para designar a situação de lockdown que a cidade receberia. Nesse caso, o veículo foi mais tímido em abusar das ferramentas gráficas. Isso demonstra o não distanciamento de um tradicionalismo que o impresso possui, relativo à sua linhagem histórica.

Dessa forma enquanto O Imparcial destacou uma capa mais fictícia e lúdica; O Estado tentou humanizar mais as matérias, inclusive explorando imagens de pessoas ou traços realísticos.

6.6 Análise não verbal

A decodificação das imagens utilizadas nos jornais possui uma alfabetização da própria linguagem visual. Isso é notório quando se percebe mais contornos e linhas, traços que organizam os elementos visuais no diário O Imparcial; o contrário não é visto no O Estado. O periódico pouco abusou das linhas e traços, deixando a primeira imagem com as laterais vazadas, sem marcação.

Sobre o quesito textura, O Imparcial utilizou apenas em uma de suas três capas, que foi a do dia 15 de julho de 2020, ‘Mais de 100 mil infectados em 100 dias’, isso diz respeito à predominância da tonalidade azul com apenas uma imagem central que é a forma do coronavírus, em um aspecto de marca d’água.

Duas das capas de O Estado utilizaram uma espécie de mosaico com registros fotográficos, O Imparcial em nenhuma das suas aplicou versão imagética real. Sobre a questão movimento esse em duas edições utilizou setas para dar a entender a fluidez nas capas. Na questão mais aplicações de recursos do design, O Imparcial sai na frente explorando os instrumentos que essa ferramenta do conhecimento oferece.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um ano após a pandemia de 2020, esta pesquisa finda o seu ciclo e o seu viés de investigação. Foram diversas capas apresentadas neste trabalho, principalmente, as de veiculação nacional, sendo estas, trabalhadas intensamente na imprensa brasileira, mostrando as primeiras informações sobre a enfermidade, buscando a ciência como fonte principal e após, o comportamento das instituições políticas diante do caos que esse período tem proporcionado ao país.

Para além desse estado de calamidade pública, as capas dos jornais brasileiros serviram à sociedade, em diversas funções, como um manifesto político; como um alerta conscientizador preventivo em relação às medidas sanitárias de segurança; como um memorial lúgubre em relação aos números de óbitos que a covid acometeu e também como um compêndio de informações noticiadas diariamente na imprensa sobre o momento.

Uma distinção faz-se necessária entre as capas nacionais e regionais. Enquanto as primeiras proporcionaram uma constância em criticar o governo, trazerem à tona provocações de cunho social e político, as regionais foram retraídas diante desse contexto; e esse discurso verbal reverbera na produção gráfica da composição das capas-pôster, como é o caso de elementos visuais chamativos, cores quentes, fontes negritadas e garrafais, texturas e combinações de elementos visuais dispostos na primeira imagem dos periódicos.

Entre os jornais regionais, como O Imparcial e O Estado Maranhão, ambos apresentaram capas-cartazes que retrataram esse momento, mas com elementos visuais diferentes. O primeiro por sua história com esse recurso ousou mais e criou composições assertivas e intertextuais; o segundo entregou um produto tímido, polido e informacional, ainda permanecendo um quê das capas tradicionais, com pequenos textos e títulos dispostos na página.

Percebe-se que a necessidade de uma capa-cartaz produzida por um jornal serve como alerta, chamariz e urgência diante do fato a que se propôs a anunciar. Apesar desses recursos gráficos serem modernos e visualmente satisfatórios para o leitor que observa, o conteúdo interior é reduzido diante da significância que a capa revela.

Esse aspecto citado acima se confirma diante do formato comunicativo que é um jornal, que apresenta as notícias do dia, de forma rápida e sucinta, diferentemente de uma revista semanal que possui a funcionalidade em aprofundar os assuntos pautados. Vale destacar que as capas possuem um quê comercial e publicitário, tornando-se um atrativo *a priori* a quem ver a primeira impressão do todo.

Com efeito, nota-se, de maneira mais nítida, que há um diálogo entre a visualidade gráfica e as correntes culturais que estão imbricadas paralelamente à engrenagem cotidiana dos jornais. Isso se torna mais claro na evolução estética do jornal O Estado, que tem apresentado um pressuposto imagético de recursos criativos ao longo dos últimos anos. Por outro lado, é prática corriqueira de O Imparcial ter uma vocação para a exuberância visual em razão de sofrer maciça influência da disposição gráfica dos periódicos nacionais que ousam ampliar os limites visuais da primeira página.

Há uma tendência cada vez maior dos jornais em caminhar para uma programação visual com linguagem funcional para além da preponderância da verbalização. O design gráfico é um coparticipante ativo dos projetos jornalísticos, concedendo vivacidade e, às vezes, poluição visual saturada diante do que se informa. Nesse sentido, há uma semelhança forte com outros códigos visuais como o cinema e os cartazes do século XIX, que foram investigados nesta pesquisa.

Equivalente a isso se percebe que o planejamento gráfico das capas é uma realidade dos jornais de abrangência regional, como os dois estudados nesta dissertação, e tem sido uma prática rotineira dos veículos de comunicação maranhense. Dessa forma, essa rotinização coloca um desafio às redações dos jornais na composição de capas surpreendentes e que supervalorizam o conteúdo externo, em detrimento do interno, como já foi mencionado.

Logo, a linguagem verbal e a linguagem visual requerem um olhar sensível, com elementos visuais distintos e posicionando-se muito mais enquanto um fator simbólico: composições orgânicas nas capas incorporadas nesse novo modelo de visualidade gráfica existentes na imprensa de âmbito nacional e de aspecto regional.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do Jornalismo**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990. 2 v.
- BENSE, Max. **Pequena estética**. Tradução Haroldo de Campos. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- BERNARDET, Jean-Claude. Prefácio. *In*: SALLES, Cecília Almeida. **Redes da criação: construção da obra**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.
- BRAGA, Marcos da Costa. **O papel social do design gráfico: história, conceitos & atuação profissional**. [São Paulo]: Editora Senac São Paulo, 2011.
- DENSYN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. São Paulo: Artmed, 2006.
- DONDIS, Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- ELIAS, Eduardo de Oliveira. **Autopoiesis, semiótica e escritura**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- ESTERSON, S. “Kit of parts”. *In*: BERRY, J. D. **Contemporary newspaper design: shaping the news in the digital age: typography & image on modern newsprint**. New York: Mark Batty Publisher. 2004.
- FERREIRA JUNIOR, José. **Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.
- FERREIRA JUNIOR, José. **Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual**. 2. ed. rev. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.
- FINBERG, H. I.; ITULE, B. D. **Visual editing: a graphic guide for journalists**. Califórnia: Wadsworth Publishing Company, 1989.
- GEDEON, Mivan. Conheça a evolução gráfica de O Imparcial. *In*: O IMPARCIAL. **Pioneiro**. [São Luís], 1 maio 2018. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/noticias/2018/05/conheca-a-evolucao-grafica-de-o-imparcial/>. Acesso em: 20 dez. 2020.
- GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas. 2008.
- HOLLIS, R. **Design Gráfico: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LESSA, Washington Dias. **Dois estudos de comunicação visual**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto à venda. São Paulo: Summus, 1988.

MEGGS, Philip B. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
O ESTADO DO MARANHÃO. **Histórico**. 2009. Disponível em:
<https://imirante.com/oestadoma/historico/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

PIGNATARI, Décio. **Cultura pós-nacionalista**. São Paulo: Imago, 1998.

PIVETTI, M. **Planejamento e representação gráfica no jornalismo impresso**. A linguagem jornalística e a experiência nacional. São Paulo: Editora Eca (USP), 2006.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva; Brasília: CNPq, 1987.

REDIG, Joaquim. Design: responsabilidade social na hora do expediente. *In*: BRAGA, Marcos das Costa. **O papel social do design gráfico**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

SALLES, Cecília Almeida **Redes da criação**: construção da obra. Vinhedo: Editora Horizonte, 2006.

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética**: uma nova introdução. São Paulo: Educ, 2000.

SANT'ANNA, Armando. **Propaganda**: teoria, técnica e prática. 7. ed. São Paulo: Thomson Learning. Edições, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SANTAELLA, Lúcia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2001.

SCHNAIDERMAN, Boris. **Tradução, ato desmedido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SOUZA, Pedro Luiz P.de. **Notas para uma história do design**. Rio de Janeiro: 2AB, 1998.

VERHAGEN, Marcus. O cartaz na Paris fim-de-século: “aquela arte volúvel e degenerada”. *In*: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. Tradução Regina Thompson. 2. ed. rev.. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Semiótica, sistemas e sinais**. 1994. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5034#preview-link0>. Acesso em: 27 ago. 2020.

VILLAS-BOAS, André. **O que é [e o que nunca foi] design gráfico**. Rio de Janeiro: 2 AB, 1998.

ZAPPATERRA, Y. **Art direction + editorial design**. [Nova Iorque]: Abrahams Studio, 2007.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz.** Tradução Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.